

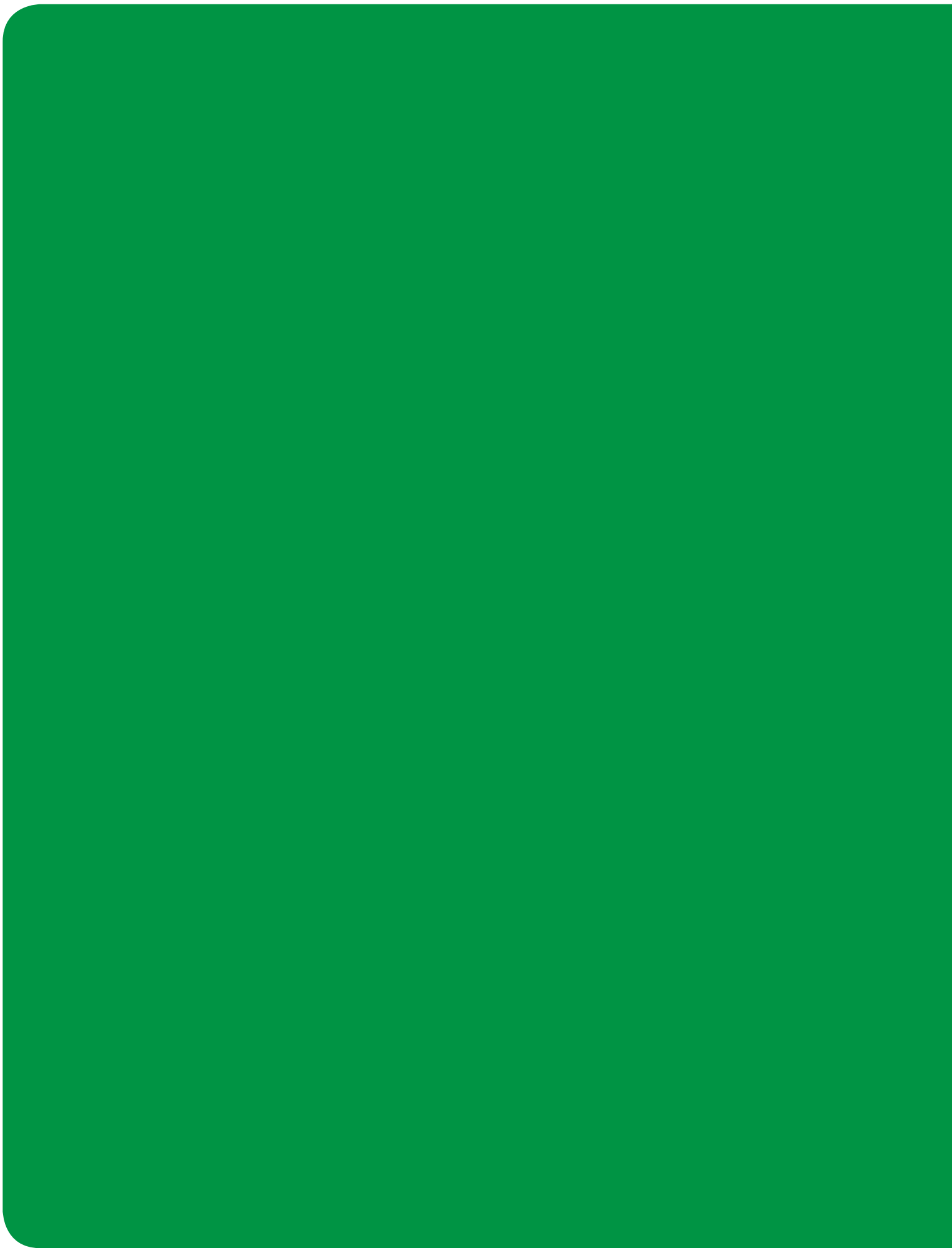


**INOVAÇÃO
AGROECOLÓGICA E
MUDANÇA SOCIAL:**

o caso dos cursos
Pé no Chão e Escolinha

*Vanderlei Franck Thies
Marilene Nascimento Melo*





***INOVAÇÃO
AGROECOLÓGICA E
MUDANÇA SOCIAL:***
o caso dos cursos
Pé no Chão e Escolinha

*Vanderlei Franck Thies
Marilene Nascimento Melo*

T439i Thies, Vanderlei Franck.
Inovação agroecológica e mudança social: o caso dos cursos pé
no chão e escolinha./Vanderlei Franck Thies, Marilene Nascimento
Melo. Salvador: Heifer Internacional – Programa Brasil-Argentina,
2013.
71 p. : il.

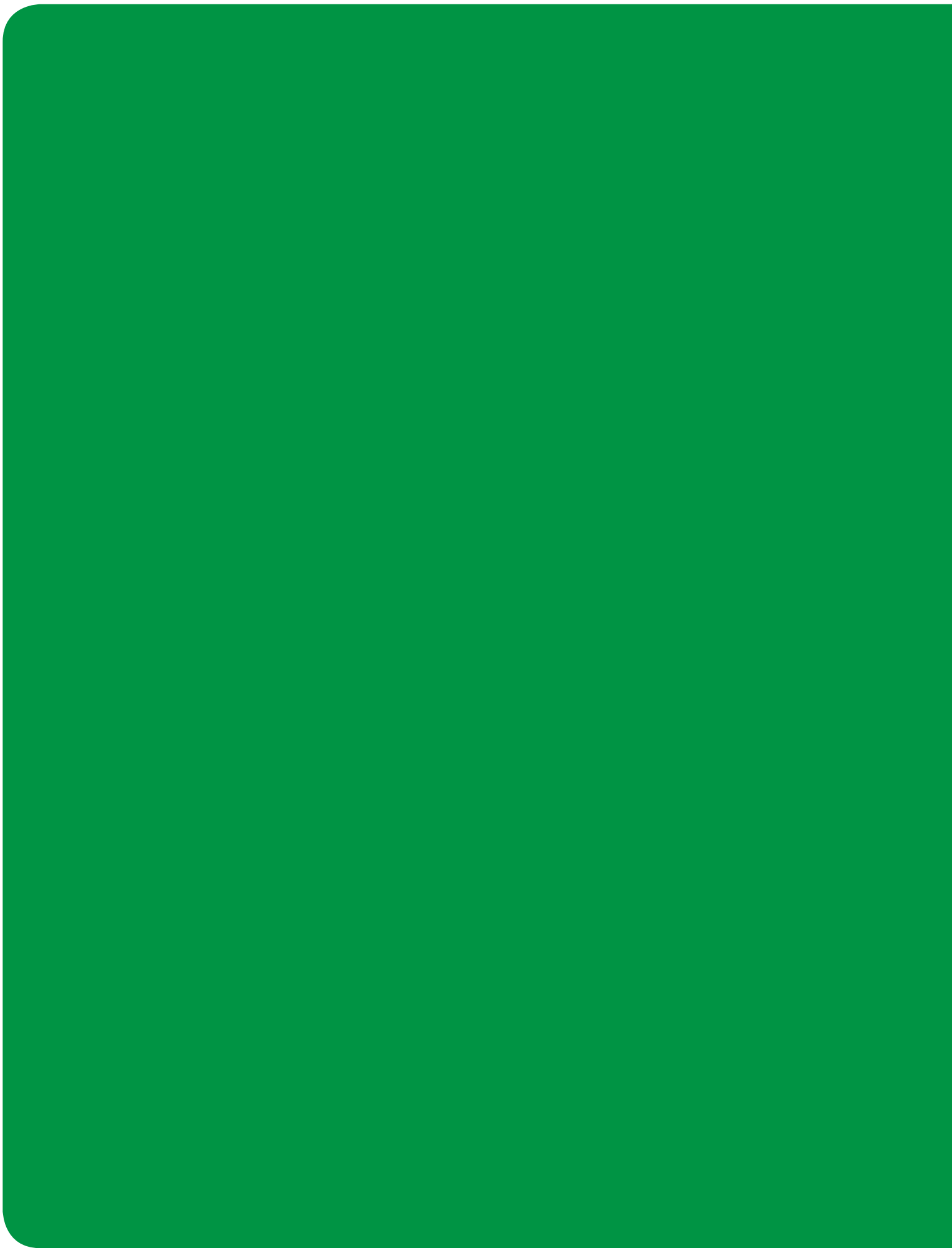
Inclui bibliografia

1. Agroecologia. 2. Movimentos sociais. 3. Formação.
I. Melo, Marilene Nascimento. II. Título.

CDU 631

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. APRESENTAÇÃO DOS CASOS ESTUDADOS	10
2.1. Curso de Formação de Educadores Populares (Escolinha)	11
2.2. Curso Pé no Chão (Pé no Chão)	12
3. AS MUDANÇAS OBSERVADAS	14
3.1. Sistemas alimentares sustentáveis	15
3.2. Dividindo para aumentar – compartilhando conhecimentos	20
3.2.1. Os laços imediatos - a família e os vizinhos	21
3.2.2. Extrapolando a família – encontrando a comunidade	22
3.2.3. Extrapolando a comunidade – o céu como limite	25
3.3. A questão de gênero	28
3.4. Identidades	29
3.5. Mudanças de concepções e significados	30
4. HISTÓRIAS DE VIDAS DOS EDUCANDOS E EDUCANDAS	34
5. CONCLUSÕES	66
ANEXO	70



EXPEDIENTE

**Esta é uma publicação da
Heifer Internacional – Programa Brasil - Argentina**

Rua da Graça, 150 – Graça – Salvador – BA
CEP. 40.150-055 - Brasil
Fone: (55) 71-2104.5455 e (55) 71-2104.5455

Texto:

Vanderlei Franck Thies e
Marilene Nascimento Melo

Colaboradoras e colaboradores:

Fernando Larrea, Liliana Martinez, Olga Matos,
Rogerio Suniga Rosa e Viviane de Jesus.

Assessoria metodológica do estudo:

Sávia Cassia Francelino Ribeiro.

Edição:

Vanderlei Franck Thies e
Marilene Nascimento Melo

Revisão:

Andréa Luz

Fotos:

Acervos da Heifer Internacional
Programa Brasil - Argentina

Projeto gráfico e diagramação:

Alberto Saulo

Impressão:

Provisual Gráfica e Editora Ltda.

Tiragem:

1.000 exemplares

Ano:

2013.

A Heifer Internacional – Programa Brasil - Argentina
estimula a livre circulação do texto aqui publicado por
meio de seus leitores. Sempre que houver necessidade da
reprodução total ou parcial deste material,
solicitamos que seja citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

Na dinâmica das organizações e movimentos sociais no campo, os processos sistemáticos de formação e capacitação de seus militantes, sustentados na rica tradição de educação popular no Brasil, fomentam e estimulam a análise crítica da realidade, fortalecem as organizações, formam novas lideranças, brindam suporte às lutas e canalizam as energias e práticas coletivas para a transformação da realidade. Ao mesmo tempo, essas esferas se constituem em espaços em que se afirma uma identidade camponesa baseada em valores culturais próprios, fortalecem relações de reciprocidade, colaboração e se constroem em comunidades.

Na medida em que vinculam conteúdos produtivos, sociais e políticos, com um foco na agroecologia, os processos educativos afirmam o trabalho camponês e a vontade dos participantes de permanecer no campo, valorizam os saberes tradicionais e a produção de alimentos agroecológicos para o consumo familiar e para garantir a base de renda para a família. Nesse sentido, cobram centralidade nas ações das organizações e movimentos que exerçam uma perspectiva transformadora das relações sociais. São espaços em que se desenvolve a autonomia política, organizativa e produtiva das famílias e comunidades camponesas.

Como essas etapas são vivenciadas pelos participantes dos processos de formação? Qual o significado nas suas vidas e nas suas práticas produtivas? Como se produz a partilha de conhecimentos e qual é o papel dos educandos e educandas nas suas comunidades? Como transformam as práticas produtivas camponesas, e sua relação com a natureza, em produção de alimentos agroecológicos? Qual é a função que os participantes assumem nas lutas e na dinâmica dos movimentos? Essas são algumas das questões que o estudo que aqui apresentamos busca responder. E o faz de um jeito vivo, no qual as vivências, a voz e as perspectivas dos participantes desses processos ganham primazia.

O estudo sistematiza duas experiências de processos formativos com movimentos sociais camponeses: uma no Paraná, promovida pelo Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP); e outra no Estado de Pernambuco, promovida pelo Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ambas potencializam a discussão político-organizativa e a formação em agroecologia. Nos depoi-

mentos dos participantes, nas experiências por eles adquiridas, evidencia-se como se constrói efetivamente a agroecologia, como um modo de vida estreitamente vinculado aos valores da cultura camponesa, que traz marcas dos caminhos de sua resistência à subordinação, exprimindo com força essa persistente vontade camponesa de permanecer no campo.

As informações do estudo são fruto do processo de acompanhamento às organizações participantes, como parte dos projetos apoiados pelo Programa de Brasil-Argentina da Heifer Internacional, o qual adotou, como marco orientador de suas ações, a soberania alimentar durante esses anos de trabalho no Brasil.

Gostaríamos de agradecer ao Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP), ao Centro Missionário de Apoio ao Campesinato Antônio Tavares Pereira (CEMPO), ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, aos participantes dos cursos e em especial às educandas e educandos que compartilharam suas histórias de vida. Destacamos ainda a valiosa colaboração de Sávía Cassia Francelino Ribeiro quanto à orientação metodológica do estudo, de Laudenice Oliveira (Núcleo de Comunicação do Centro Sabiá) e de Marleide Irineu no processo de finalização dessa publicação.

Hoje temos o prazer de apresentar este trabalho, que aborda as mudanças concretas vinculadas aos processos formativos, e os depoimentos e histórias dos protagonistas desses processos, que mostram como se vive e luta hoje no campo brasileiro.

Fernando Larrea
Diretor do Programa Brasil e Argentina
HEIFER INTERNACIONAL

Salvador, setembro de 2013.



INTRODUÇÃO

O tema da formação e da capacitação possui participação destacada no Programa Brasil-Argentina da Heifer Internacional. Ele aparece no primeiro Eixo do Planejamento Estratégico do Programa (setembro de 2007), “Construção de Sistemas Alimentares Sustentáveis”; e, também, no terceiro eixo, “Transformação das políticas, sistemas e práticas” através do fortalecimento da capacidade de incidência política das organizações apoiadas; contudo é no segundo eixo, “Produção de Conhecimentos, Capacidade e Poder das Comunidades e Organizações”, que o tema ganha relevância.

Sua importância fica evidente quando nesse documento é afirmado que os processos de formação (educação popular) com as famílias, comunidades e organizações constituem uma questão-chave para sustentar a ação transformadora, a luta contra a injustiça social, tornando o modelo produtivo sustentável e para o empoderamento dos (as) agricultores(as) por meio do fortalecimento das organizações e movimentos sociais.

Também nesse Planejamento Estratégico é apontada uma perspectiva de concepção educativa apoiada pelo Programa, “formar es mucho más que entrenar al educando en el desempeño de destrezas y enseñar no es transferir conocimiento, sino crear las posibilidades para su producción o su construcción”¹. Ainda nesse documento é delimitado o campo de ação dos processos educativos a serem apoiados:

Estos procesos formativos abarcan tanto la formación técnica y agroecológica a partir de los conocimientos tradicionales, la experimentación e investigación constante y el intercambio permanente de experiencias, promoviendo la formación de redes y articulaciones, entre las comunidades y las organizaciones participantes.

Igualmente incluyen procesos de formación política con las organizaciones y movimientos sociales para favorecer la construcción de liderazgos colectivos, la acción transformadora de estas organizaciones y su papel político en la construcción de un nuevo modelo de desarrollo en el campo. (Planejamento Estratégico do Programa Brasil-Argentina, setembro de 2007).

De modo geral, esses processos de formação possuem duração prolongada e as mudanças geradas e catalisadas por eles, por meio da ação dos (as) educados (as) nas suas unidades de produção, comunidades e organizações, ficam dispersas e difusas, o que dificulta sua identificação e medição.

No final de 2008, no âmbito do debate da equipe do Programa sobre Acompanhamento, Monitoramento, Avaliação e Sistematização dos projetos, surgiu a necessidade de constituir um processo específico de acompanhamento e avaliação dos processos formativos apoiados pelos projetos. Foi constatada a necessidade de verificar como se dá a Partilha Solidária dos Conhecimentos e as mudanças por ela geradas.

Com base nessa necessidade, foi organizado esse Estudo de Caso com objetivo de apoiar a construção do marco metodológico do Programa, subsidiar o diálogo institucional na Heifer e, também, qualificar a capacidade de diálogo do Programa Brasil-Argentina com os parceiros.

Especificamente, buscou-se com esse estudo, sistematizar informações sobre os resultados dos processos formativos de uma ONG (Organização Não Governamental) e de um Movimento Social. Sobretudo, procurou-se identificar as mudanças geradas pelos processos formativos na percepção e nas práticas sociais e produtivas dos (as) participantes das atividades de formação, as mudanças geradas nas práticas sociais e produtivas das comunidades e as mudanças nas ações desses participantes nas organizações sociais a que estão vinculados.

A coleta dos dados foi feita antes, durante e depois da realização dos cursos. Foram aplicados questionários para todos os integrantes das respectivas turmas e acompanhadas algumas etapas dos cursos. Do conjunto de participantes de cada turma foi selecionada uma amostra, com os quais foram feitas entrevistas individuais e, também, visitas às suas unidades de produção. Para a seleção da amostra foram utilizados critérios de gênero, geração e de representatividade dos diversos segmentos sociais. Também foram realizadas entrevistas com os educandos da amostra, bem como com educadores (as) dos cursos, dirigentes políticos locais e regionais que conhecem e acompanham a trajetória dos(as) educandos(as) da amostra, além de vizinhos e membros das comunidades de origem dos mesmos. Os instrumentos de coleta de dados para os dois cursos foram idênticos, com algumas variações em função da necessidade de adaptação às realidades específicas. Além disso, foram feitas consultas a materiais institucionais e algumas referências bibliográficas.

Foram escolhidas duas organizações e experiências apoiadas por Heifer: no sul, o Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP), com o Curso de Formação de Educadores Populares (CFEP ou Escolinha); e, no nordeste, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com o Curso Pé no Chão. O estudo foi realizado pela equipe do Programa Brasil e Argentina, contando com apoio de consultoria específica sobre as questões metodológicas. A coleta de informações e o acompanhamento das experiências foram realizados no período de 2009 a 2011.

¹ Freire, Paulo. Pedagogia da Autonomia, Editora Paz e Terra, 2004.



APRESENTAÇÃO DOS CASOS ESTUDADOS

Tanto a Escolinha como o Pé no Chão são cursos básicos de formação, direcionados a camponeses (as) com pouco acúmulo teórico e experiência organizativa. Entretanto, todos eles, com maior ou menor nível de envolvimento, já participam de processos de organização social, voltados para a solução de problemas específicos ou de um conjunto mais amplo de problemas.

Em ambos os casos, a formação dos (as) educandos (as) parte da concepção Freiriana² de que os sujeitos dos processos educativos não são apenas receptores de conhecimentos e, sim, portadores de um saber, que deve ser valorizado na dinâmica ensino-aprendizagem, direcionada à passagem de uma “visão ingênua” para uma “visão crítica” da realidade. Um processo que não se limita no estudo, mas é um permanente diálogo entre teoria e prática, mediado pela mobilização social protagonizada pelas organizações. Os cursos são momentos de síntese e aprofundamento de suas formulações teóricas, de ressignificação da prática e de mudança de ambas.

2.1

CURSO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES POPULARES (ESCOLINHA)

O Curso de Formação de Educadores Populares foi gestado no âmbito da Equipe Regional³ e promovido pelo Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP), que é uma Organização Não Governamental constituída por movimentos sociais, e a eles vinculada, que atua na região Centro-Sul do Paraná (Brasil). Também apoiou a realização desse curso, o Centro Missionário de Apoio ao Campesinato Antônio Tavares Pereira (CEMPO), sendo ambas as organizações parceiras da Heifer. O Curso de Formação de Educadores Populares, ao longo de sua história, tem sido denominado carinhosamente como Escolinha.

Essa foi a terceira edição da Escolinha. A primeira edição foi realizada entre os anos de 2003 e 2005, sendo voltada aos agricultores participantes dos grupos de agroecologia da região Centro-Sul do Paraná, que nesse período eram novos e poucos consolidados. Os conteúdos estavam mais direcionados às dinâmicas técnicas e produtivas da agroecologia e ao processo de formação de lideranças entre os agricultores para atuarem na consolidação e expansão desses grupos.

Essa primeira experiência possuiu, em certo sentido, um caráter experimental e foi influenciada por outras experiências de formação, desenvolvidas na região, por meio de organizações sindicais (Terra Solidária) e pastorais (Escolas Bíblicas).

A segunda turma do Curso de Formação de Educadores Populares foi realizada entre agosto de 2005 e dezembro de 2006. Nessa segunda experiência, registra-se uma densidade maior de conteúdos de caráter político relacionados à agroecologia, para além do estudo dos processos mais restritos ao campo da produção e comercialização. Nessa edição, foi aprimorada a metodologia e ocorreu a ampliação das articulações políticas regionais, com a inclusão de agricultores ligados ao MST.

Já a terceira turma foi realizada de outubro de 2009 a março de 2011 e teve, como característica diferenciadora das edições anteriores, o fato de ter sido fruto de uma demanda regional dos diversos movimentos sociais que compõem a Equipe Regional, pois ocorre em um período de maior organicidade na articulação dessas organizações.

Essa terceira turma surge com a necessidade de trabalhar o tema da articulação das lutas dessas diversas organizações, contemplando os temas específicos de cada segmento, abordando as questões relacionadas às identidades, à diversidade cultural, à agroecologia, à reforma agrária, à defesa dos direitos e aos processos de incidência.

O Objetivo do curso, segundo o material de divulgação do mesmo, era de “Preparar formadores e educadores populares com capacidade, conteúdo, elementos de análise de conjuntura e disposição para enfrentar os novos desafios que estão sendo trazidos pelo conjunto das organizações, movimentos e seus destinatários dessa grande região, ou onde estiverem em cada segmento popular organizado ou em fase de organização”.

³ A Equipe Regional é uma articulação de diversas organizações de agricultores que existem na região Centro-Sul do Paraná. É um espaço regular de encontro dessas organizações onde são apresentados e discutidos os problemas dos agricultores, bem como construídas alternativas conjuntas para a superação desses problemas. Fazem parte da Equipe Regional: o Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP), Centro Missionário de Apoio ao Campesinato Antônio Tavares Pereira (CEMPO), Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica de Turvo (AGAECO), Associação dos Grupos Ecológicos São Francisco de Assis (ASSIS), Brigada Cacique Guairacá (MST), Movimento das Mulheres Camponesas de São Mateus do Sul (MMC) e a Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais (conformada pelo: MASA - Movimento Aprendizes da Sabedoria; AP - Articulação Puxirão dos Povos e Comunidades Faxinalenses; além de Quilombolas, Cipozeiras, Ilhéus e Pescadores Artesanais). Essas organizações promoveram e indicaram os participantes do curso.

² Baseada nas formulações do Educador brasileiro Paulo Freire



Terceira turma da Escolinha com alguns educadores e colaboradores.

O curso funcionou em etapas de dois dias, nos finais de semana, perfazendo aproximadamente 18 horas/aula por etapa. No total foram realizadas 12 etapas, em diferentes locais, sobretudo em espaços camponeses. Todas as edições da Escolinha constituíram processos informais de educação, organizados com base na pedagogia da alternância⁴.

Nas etapas de estudo, as atividades foram organizadas em cinco blocos, englobando os seguintes conteúdos: história e metodologias dos movimentos sociais; mobilização e organização popular; cultura, conhecimentos e tradições, mística e espiritualidade na luta popular; soberania alimentar, agroecologia e conflitos socioambientais; direitos coletivos étnicos e ambientais; políticas públicas, parcerias e administração de recursos na luta popular.

⁴ A pedagogia da alternância tem sua gênese vinculada ao descontentamento de agricultores da França com o sistema educativo vigente no meio rural na década de 30 do século passado. No Brasil, as primeiras experiências passaram a ser desenvolvidas a partir de 1969 no Estado do Espírito Santo, tendo sido incorporada por diversos movimentos sociais camponeses e Organizações Não Governamentais nas atividades de formação e educação. Está baseada na alternância entre tempos de atividades educativas em “espaços escolares” e tempos educativos em espaços produtivos familiares, políticos, organizativos, comunitários, materializando um dos princípios da educação popular que alterna permanentemente prática-teoria-prática.

2.2

CURSO PÉ NO CHÃO (PÉ NO CHÃO)

.....

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge no Brasil em 1984, num contexto de re-democratização do país, como movimento social de resistência e luta no campo a fim de garantir o acesso à terra, reivindicar outros direitos sociais para os camponeses excluídos e buscar construir uma nova sociedade com justiça social. Em Pernambuco (PE), o MST começa a se organizar em 1989. Atualmente o MST-PE está presente em todas as regiões do Estado, são cerca 14.000 famílias distribuídas em 203 assentamentos e com aproximadamente 16.000 famílias vivendo em 163 acampamentos.

A educação, para o MST, é um valor fundamental, mas essa deve se preocupar com aspectos que vão além do desenvolvimento de capacidades técnicas e, portanto, deve considerar a formação humana integral. O processo educativo não se limita ao ensino formal, dentro do espaço da escola. Deve estar diretamente relacionado à realidade na qual as pessoas estão inseridas. A educação do campo nasce de um compromisso em reconhecer os sujeitos, recuperar a sua identidade como camponeses e camponesas,

promover a construção de conhecimentos e práticas emancipatórias.

Partindo desse pressuposto, o Curso Pé no Chão nasceu em 2002 com objetivo de formar jovens camponeses em práticas agrícolas e escolarização para áreas de reforma agrária, com consciência crítica da realidade. Surgiu num contexto de carência de assistência técnica para as áreas de assentamentos e num momento de construção de uma nova concepção de desenvolvimento agrícola e da introdução de outra matriz tecnológica, baseada no respeito ao meio ambiente e na construção de novos valores, onde a defesa da vida começa pela defesa de quem está na terra. Foi, portanto, concebido originalmente como um curso integrado à produção.

No Curso, os educandos e educandas se organizam em núcleos de base e assumem coletivamente as tarefas do Curso e de manutenção do Centro de Formação. O trabalho coletivo faz parte do processo de formação do novo sujeito, indo na “contracorrente” do individualismo. Tal fato parte do pressuposto que essas dinâmicas organizativas e políticas poderão ser referências importantes para essas pessoas quando retornam aos acampamentos e assentamentos. Valores como corresponsabilidade, disciplina, respeito, autogestão, entre outros, são trabalhados nas formações e servem de base para novas relações sociais e políticas de uma nova sociedade.

Ao longo dos 10 anos de existência, o Curso Pé no Chão passou por adaptações e diferentes fases, buscando responder aos distintos contextos e às necessidades de formação do movimento, porém segue utilizando desde a sua origem a pedagogia da alternância.

A 1ª turma surgiu entre 2002-2004 e nela o Tempo Escola compreendeu 06 etapas de 45 dias, já o Tempo Comunidade ocorreu nas áreas de acampamentos e assentamentos por um período de 60 dias. Nessa primeira fase do Curso, a ênfase era a formação técnica voltada para a construção de uma nova concepção de desenvolvimento agrícola e de uma nova matriz tecnológica. A partir de 2005, houve uma segunda fase do Curso, onde a ênfase passou a ser a formação política. O curso foi condensado em 03 etapas de 30 dias cada, intercalado com o Tempo Comunidade de, também, 30 dias.

O apoio da Heifer Internacional – Programa Brasil-Argentina, através da Associação de Cooperação Agrícola do Estado de Pernambuco (ACAPE), surgiu

a partir da 16ª edição, num contexto em que o MST, em Pernambuco, buscava incorporar cada vez mais a agroecologia como referencial técnico e político para a luta pela reforma agrária e fortalecimento da agricultura camponesa. Foram apoiadas integralmente as turmas 16ª, 17ª e 18ª e, parcialmente, as turmas 19ª, 24ª e 25ª. Atualmente o Curso está na sua 25ª edição.



17ª Turma do Curso Pé no Chão em Sala de Aula.

Participaram dessas turmas assentados/as e acampados/as das diversas regiões do estado, especialmente do sertão, cuja origem é o campo, mas, também, algumas pessoas da periferia urbana e de comunidades rurais pobres. A maioria dos participantes é jovem. Ao longo da trajetória do curso, o número de mulheres que participou foi relativamente pequeno, apesar do MST ter uma definição política de garantir a participação equitativa de homens e mulheres nas diferentes iniciativas de formação e nas instâncias organizativas e políticas.

Considerando que as mudanças nas concepções, nos significados e nas práticas são fruto de múltiplas variáveis que se entrecruzam, potencializam-se, ou se anulam permanentemente, e que é impossível isolá-las para analisar, buscamos com esse estudo de caso identificar mudanças, ou indícios de mudanças, que possam estar associadas à participação nesses cursos, ou que sejam fruto da ação dos (as) educandos (as) em suas unidades de produção, nas comunidades e nas organizações que integram.



AS MUDANÇAS OBSERVADAS

3.1

SISTEMAS ALIMENTARES SUSTENTÁVEIS

Eva, educanda da Escolinha, já considerava antes do Curso que o “uso de agrotóxicos ou remédios em atividades na propriedade causam mal à saúde da sua família” e também “causam mal à saúde de quem for consumir os produtos”. Entretanto, depois do curso é que efetivamente as mudanças em relação ao uso de agrotóxicos e venenos passaram a ocorrer na sua propriedade. Ela diz

“O uso de veneno já foi bastante reduzido e pretendemos deixar de usar cem por cento”.

O mesmo ocorreu com Vera, agricultora também participante da Escolinha, que embora nunca tenha usado agrotóxicos diretamente na horta, utilizava-os para limpar o seu entorno e hoje não usa mais em nenhuma atividade produtiva.



Eva e seu marido junto ao minhocário instalado na horta da família.

Segundo Vera, no curso, “aprendemos muito como cultivar a terra, como diversificar os produtos, a rotação de cultura, receitas para combater as pragas, etc.”. Um dos aprendizados destacados tem a ver com as práticas agroflorestais, que foram estudadas. Vera se inspirou e, adaptando os conhecimentos à sua realidade, ampliou o número de plantas frutíferas consorciadas com a produção de verduras. Hoje, em sua horta, existem diversas árvores, como pinheiro e eucalipto, bem como as frutíferas: araçá, angá, jabuticaba, uvaia, bananeira e gabiroya. A horta cumpre um papel fundamental no sistema produtivo familiar de Vera, pois produz alimentos para o consumo e para a venda, fornecendo, também, parte dos alimentos para os animais.

Empolgada com o aprendizado na Escolinha e com as mudanças em sua vida, por meio da participação no grupo de agroecologia, pelas entregas para o Programa de Aquisição de Alimentos⁵ (PAA) e pela obtenção de renda, Vera resolveu, ainda durante o curso, ampliar sua pequena horta, para aumentar a produção. Além da ampliação, podemos observar a qualificação dos processos produtivos em sua horta, como o melhoramento da compostagem, da produção e conservação local de sementes, da consorciação de culturas, da conservação do solo e do desenvolvimento de técnicas de irrigação pela adaptação de materiais existentes na propriedade (ver abaixo foto do regador PET). O estudo de caso permitiu verificar que a qualificação produtiva da horta está claramente associada à participação na Escolinha e teve efeito direto na melhoria da condição de segurança alimentar e nutricional da família.



Vera Lúcia com seu regador.

⁵ O PAA é uma das ações do Governo Federal brasileiro para o fortalecimento da agricultura familiar e o combate à fome, integrando o Fome Zero. O programa compra os produtos dos agricultores e nesse caso os entrega através de doação para as famílias em condição de insegurança alimentar e nutricional.

Esse exemplo também evidencia a importância da articulação das atividades de formação com outros processos sociais, organizativos e produtivos, no caso específico os de comercialização da produção. A capacitação permitiu a melhoria do sistema produtivo de Vera, melhorando a alimentação da família e produzindo excedentes comercializáveis. Como a comercialização através do PAA só pode ser realizada por grupos de agricultores organizados, fica evidente a necessidade dos vínculos político-organizativos externos à unidade de produção, pois foram eles que permitiram a Vera vender seus produtos para o PAA, em função de sua participação no grupo de agricultores agroecologistas. Ou seja, os processos educativos são muito importantes, mas para certas mudanças de maior alcance, como melhoria de renda da família, não são suficientes quando isolados.

Foi a articulação das atividades de capacitação (participação na Escolinha) com outros processos socioprodutivos (participação no grupo de agroecologia) que possibilitou os diversos avanços experimentados por Vera, tanto na produção, comercialização, melhoria da renda, empoderamento feminino, etc.

Os aprendizados sobre a produção animal, propiciados pelos cursos, provocaram mudanças significativas, tanto nos subsistemas de criação quanto no sistema produtivo como um todo, pelas funções importantes que os animais cumprem no agroecossistema, seja como catalisador da biomassa produzida, reciclando a energia e os nutrientes, mas, também, como fonte produtora de alimentos e de renda para a família. Os depoimentos dos (as) educando (as) abaixo são ilustrativos dessas mudanças e dos resultados alcançados, e estão diretamente associados à participação nos cursos.

Para alimentação dos animais, Léo, acampado do MST-PE, diz que assim como aprendeu no curso Pé no Chão, hoje utiliza “a folha do abacate, o capim que a gente dá pras galinha, folha de alface, couve, coentro” e completa, “e a palha da banana, a folha da graviola, da azeitona, capim. Sempre quando tá depois de 30 dias, a gente começa dá isso aí, folhagem”. A própria criação de galinha, por sua vez, contribui para melhorar a plantação: “a gente aproveita a cama da galinha, o esterco, pra melancia, pro pimentão, pra graviola, pra banana, pra tudo”.

Ocorreram mudanças também em relação ao cuidado com os animais, Eva está se desafiando a trabalhar com tratamentos homeopáticos. Segundo ela, esse novo conhecimento é fruto do aprendizado que teve na Escolinha, pois “todo mundo aprendeu a homeopatia, que é pra nós preparar o sal né, na comida mesmo, tem muita gente que já tá usando a homeopatia animal, nós ainda não estamos direto, porque compramos ainda sal mineral, mas a gente ainda pretende mexer com homeopatia bem como é preciso”.

Outra mudança significativa no sistema produtivo é a retomada de cultivos históricos desenvolvidos pelos camponeses. Um deles é o milho, que é uma cultura fundamental para os sistemas alimentares camponeses, seja pela produção direta de alimentos para a família ou pela produção indireta de alimentos ao ser usado como forragem para os animais. No caso do seu Pedro, Taísa⁶ destaca que, “até agora eu estava comentando com ele que ele voltou a plantar milho esse ano, que já era uma prática que ele tinha deixado. No sábado ele comentava que isso vai ajudar bastante, antes ele estava tendo que comprar o milho pra dar pros porcos, pra criar porcos, lá no faxinal⁷, principalmente lá no Marmeleiro de Baixo, uma das coisas que dá mais renda, que consegue segurar um pouco é a produção de porco”.

O Curso Pé no Chão foi fundamental para Léo e sua família superar o que considera o maior obstáculo para a realização da produção no campo, que é a comercialização. Léo diz: “outra coisa que a gente aprendeu também com os professores, é transformar nossa mercadoria em valores. Porque não é fácil a gente produzir aqui em pouca escala e o grande empresário derrubar o que a gente leva daqui. Ele baixa, barateia a mercadoria e vem pegando dinheiro pra gente não vender a nossa mercadoria, né? Pra isso a gente tem que reduzir o máximo os custos, baratear nossa mercadoria pra competir com ele lá. Isso é uma coisa importante, porque o agricultor pensa que é só chegar, produzir aqui. O difícil é chegar lá no comércio e vender”.

O balanço dos custos de produção, a busca da autonomia em relação aos insumos externos e a importância do trabalho coletivo para a superação do atravessador foram aspectos determinantes para que hoje a família de Léo possua uma alimentação diversificada e uma produção de excedente que comercializa e complementa a renda familiar. Como ele nos conta: “Antes não fazia. Agora a gente procura baratear aqui nossa produção. Compra diretamente na granja o esterco, o estrume de galinha. Um exemplo: se você compra estrume de galinha ao atravessador é R\$ 10,00. Se você sair daqui, ajunta uma turma e vai direto na granja sai a R\$ 2,50. Já fica R\$ 7,50 pro saldo. Outra coisa é num vender a atravessador, é levar diretamente pra o comércio. Eu levo, mas quem vende é a moça ali (filha) e os menino (filhos). Em duas feiras, deixo ela mais um menino em uma e levo a outra mais o outro menino pra outra feira... e tocamos assim”.

Cabe destacar que a participação no Grupo de Agroecologia provocou a animação do seu Pedro e o levou a aumentar a produção, chegando a fazer temporariamente entrega de alimentos para outras famílias através do PAA.



Pedro exibindo a produção de sua horta.

De um beneficiário de programa social do Governo Federal, seu Pedro chegou a ser fornecedor de alimentos para famílias em situação de vulnerabilidade social, demonstrando grande mudança em sua vida, pela participação nos movimentos sociais e na Escolinha.

⁶ Taísa Levitski, 20 anos, mora no distrito de Guará, município de Guarapuava - PR. É assessora das organizações que compõem o Eixo de Trabalho dos Povos e Comunidades Tradicionais da região, especialmente do Movimento Aprendizes da Sabedoria do qual Pedro faz parte.

⁷ O Faxinal é uma forma específica de uso da terra por comunidades de camponeses onde é conjugado o uso da terra em parcelas familiares privadas com espaços de uso comunitário. No faxinal são combinadas a produção vegetal para subsistência e venda de excedentes em pequenas áreas cercadas de cada família, com a produção mesclada de pequenos animais em áreas maiores e de uso comum, cercadas em seu perímetro. Essa forma de uso da terra gerou uma cultura específica e uma das Comunidades Tradicionais Brasileiras denominada de Faxinalenses. Uma das características marcantes dos faxinais é a combinação da produção vegetal e animal com elevada preservação dos recursos naturais, notadamente a manutenção de parte significativa da cobertura florestal nativa.

Segundo Taísa, uma das mudanças fundamentais geradas pela participação de seu Pedro na Escolinha se deu no campo da produção de alimentos e na motivação, “a mudança que eu vejo é que agora ele valoriza mais a produção sobre consumo, principalmente, e que antes ele era um dos menos motivados, não acreditava muito que fosse dar certo, que seria possível, hoje, mesmo ele não tendo uma produção grande, ele já começou a entregar, antes ele não comercializava esses produtos e nem plantava também o suficiente pra estar se alimentando”.

A relação com os consumidores foi uma das questões que passou a fazer parte das preocupações dos camponeses (as) após a Escolinha. Eva destaca que esse trabalho não está satisfatório, pois é preciso que a orientação técnica dos produtores seja agroecológica. Segundo ela nos conta, estão se organizando na Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis (ASSIS) pra dar mais um passo nessa perspectiva. “Isso que a gente já pensou na direção da ASSIS, que a gente tem que tentar mudar, porque inclusive aqui tem um rapazinho que ele está produzindo com agrotóxico, e nós não, não fizemos nada com agrotóxico, e a mercadoria está indo junto com a nossa, e daí nós já pensamos nisso, de sentar com o prefeito, a diretoria do grupo, a diretoria da ASSIS, alguns membros e sentar com o prefeito e expor pra ele, que ele faça um documento exigindo alimentação orgânica nas escolas pras crianças, só orgânica sabe, sem veneno”.



Eva e Vera conversam sobre seus produtos no momento da comercialização.

No campo subjetivo identificamos mudanças em relação à concepção da agroecologia, como observamos abaixo no depoimento de Acir⁸, liderança da comunidade faxinalense, sobre a visão antagônica que seu Pedro tinha, antes de participar do Grupo de Agroecologia e de fazer a Escolinha, pois entendia que se tratava de procedimentos anacrônicos. “É, ele achava assim que sobre a agroecologia é ah, isso aí não adianta, porque isso aí é do tempo do bom fala bem dizer a verdade, tempo de atrasado (...) e ele achava assim que, que isso aí não ia resolver, que não produzia, que não dava”. Após o Curso, a concepção sobre Agroecologia para seu Pedro mudou bastante,

pois passou a considerar que “é ser contra o uso de transgênicos e tecnologias modernas; é uma forma saudável do ser humano se relacionar com a natureza para produzir alimentos (...). É alimento sagrado né, alimento sem veneno né”.

Mudança significativa também ocorreu com Vera, pois, após o curso, ela afirma: “eu achava que pra gente ser agroecologista era só plantar sem veneno, mas não é. Agroecologia é a gente cuidar da natureza...”.

Ao utilizar a expressão “cuidar da natureza”, Vera extrapola a dimensão tecnicista do “não uso de venenos” e uma visão, em certo sentido, localista, limitada à sua ação produtiva imediata, adotando uma mirada mais global, incluindo em sua concepção de agroecologia o cuidar da natureza, que implica uma visão de conjunto do ambiente natural e um sentimento de pertencimento e corresponsabilidade com a natureza.

⁸ Acir Tulio, 58 anos, mora no Faxinal Marmeleiro de Baixo, município de Rebouças – PR, sendo vizinho de Pedro. É presidente da associação desse faxinal e também Articulador Regional da organização geral dos faxinalenses, denominada por Articulação Puxirão dos Povos e Comunidades Faxinalenses.



Vera em sua horta. Pode-se observar a diversidade de plantas e ao fundo, protegido por lona, a área de compostagem e também o espaço de ampliação da horta.

Em relação ao entendimento sobre agroecologia que Eva (educanda da Escolinha) adquiriu, Gelson⁹ destaca que antes ela possuía uma visão bastante comercial da agroecologia, compreendendo que: “Agroecologia era, você produzir o alimento também parecido com o orgânico, só produzir o alimento e vender, produzir e vender, produzir e vender”.

Eva assume que tinha um entendimento sobre agroecologia em que considerava tudo mais simples, sem a complexidade de um sistema: “Agroecologia pra mim antes não significava nada, eu achava que era uma coisa muito difícil, que a gente nunca ia conseguir, muito difícil, eu pensava já viu, como uma verdura vai sai com esterco, eu pensava que era só juntar o esterco daqui e joga lá na cova, mas não, tem todo um processo”.

Gelson destaca os avanços de Eva nesse campo, afirmando que após o curso “Eva defendeu mais claramente que a agroecologia é uma das alternativas que pra realidade dela, pela comunidade que ela vive, isso ajudou clarear e apostar mais, investir mais, acreditar mais nessa temática aí do trabalho da agroecologia”.

Ainda no campo subjetivo, também podemos destacar que a Escolinha possibilitou a Pedro e a Eva reforçar suas convicções em relação à nocividade do uso

de venenos, além de ampliar a capacidade de percepção do entorno e suas problemáticas, possibilitando uma interlocução mais qualificada em seu meio social. Para seu Pedro, participar do curso provocou mudanças nas atividades de produção, pois gerou “mais esperança, mais esclarecimento”. Considera que os agrotóxicos “prejudicam muito a saúde das pessoas. De quem aplica e come, ali dentro até das lavadeira de roupa, que vai lavar aquelas roupa, é assim com veneno, ela está se envenenando né”.

Seu Pedro considera que sua propriedade não é ecológica em função da circulação de tratores com agrotóxicos pelo faxinal. Sua área de produção no faxinal é diretamente atingida pelo modelo do agronegócio, pois, como afirma, sua horta não foi considerada ecológica em função da proximidade com a estrada porque “sempre passa o trator com pulverizador, diz que os técnico vão fazendo entrevista ali, diz que não passou a minha propriedade porque tinha que isolar, diz que na beira da cerca ali com alguma coisa, pra não pra daí ser ecológico”.

Para Silvia, o curso Pé no Chão é o que dá a base para todo o conhecimento necessário à busca de autonomia e o desenvolvimento dos acampamentos e assentamentos. Pois, “às vezes você tem a dificuldade de você conviver no acampamento, porque você num tem o conhecimento, então desde quando você vem pra cá você aprende de tudo. Você aprende a trabalhar, você aprende a ter conhecimento, aprende a conversar, aprende a saber buscar as coisa lá fora, aprende a produzir, entendeu? Colher, comer da sua própria comida, plantada da sua própria mão, entendeu? Num tem que tá se trabalhando, se esforçando pro latifundiário, né? Pra ganhar migalha que mal dá pra você comer...”.

Ainda no campo da inovação produtiva, outra dimensão que se pode perceber como uma contribuição da Escolinha diz respeito à gestão e ao planejamento da propriedade, que foram qualificadas no último período. Segundo entrevista de Eva, após o curso: “Antes a gente não fazia nada dessas coisas, agora hoje já se pensa, hoje a gente já planeja (...) tem o plantio de verão e o plantio de inverno, a terra nunca fica sem nada”.

Para Léo, o curso Pé no Chão, foi fundamental para o desenvolvimento e a gestão da sua produção. O Lote da família de Léo é o mais produtivo do acampamento. Segundo ele, “uma das coisas mais importantes que eu achei no curso Pé no chão é a disciplina.

⁹ Gelson Luís de Paula, 36 anos, agricultor ecologista, mora na comunidade Rio Grande – Irati/PR. É tesoureiro do Instituto Equipe de Educadores Populares e ex-presidente da ASSIS – Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis. Assessorou a formação do Grupo de Agroecologia em que Eva e Vera participam. Participou como educando de uma das edições anteriores da Escolinha.



Léo na área de produção do acampamento.

22

Cumprir horário, o horário é uma coisa fundamental, que é onde você determina várias coisas e aprende cumprir os horários. Que nem aqui a gente tem o manejo com os horários. Um vai pra roça, outro pra águação, outro fica cuidando dos porcos, outro vai cortar as banana. A disciplina lá é importante porque a gente aprende os horários, que o tempo é valioso, né?”.

As mudanças de entendimento, de concepção de vida e de ação, vêm provocando alterações concretas nos sistemas de produção das famílias. Tarcízio declarou que o curso estimulou

“Trabalhar com mais diversidade de produtos, valorizar a produção de alimentos mais saudável, trabalhar mais com sementes crioulas...”

É a visão de se produzir, diversificar a propriedade e produzir alimentos e não produto pra fazer dinheiro. Essa foi a visão que eu aprendi na escola,

isso foi a coisa que mais me marcou na verdade. Eu aprendi o seguinte, você tem que produzir alimento em primeiro lugar, aí depois vê se você consegue fazer dinheiro dele”.

3.2

DIVIDINDO PARA AUMENTAR COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS

.....

O lugar social que o sujeito ocupa, por si só, já demanda o exercício de uma prática formadora, através do compartilhar de seus conhecimentos e experiências, sendo realizado permanentemente por meio das relações sociais que estabelece. Nesse sentido, o compartilhar dos conhecimentos atinge diversos níveis e várias dimensões nesse lugar social. Com base nos casos estudados, passamos a analisar as dinâmicas e mudanças provocadas pela Partilha Solidária de Conhecimentos.

3.2.1

OS LAÇOS IMEDIATOS A FAMÍLIA E OS VIZINHOS

Observamos mudanças no âmbito familiar em vários dos casos estudados. Como exemplo, apresentamos a ação de Pedro, que influenciado pelos aprendizados no CFEP conseguiu dialogar mais com sua família e explicar as motivações de seu trabalho comunitário. Hoje, percebe que seus familiares, sobretudo sua esposa, entendem melhor o trabalho que desenvolve, evidenciando assim alteração na visão social de mundo dela como consequência do diálogo em casa.

Ainda nessa esfera familiar, também se pode perceber, além das mudanças subjetivas nos demais integrantes das famílias, outras mudanças de caráter objetivo e na prática social dos sujeitos que foram claramente influenciados pelos participantes dos cursos de formação.

Um exemplo disso é o caso de Eva, que convenceu seu esposo a voltar à sala de aula com ela, para retomar os estudos formais.



Eva e seu marido no momento de estudo.

Numa dimensão um pouco mais ampla, nas relações de vizinhança, tão importantes nas dinâmicas camponesas, também podemos observar mudanças. Uma área bastante significativa em que observamos alterações foi nos sistemas produtivos. Um bom exemplo disso é o caso do jovem Elias¹⁰ que, influenciado diretamente por Eva, iniciou o processo de transição ecológica na propriedade de sua família.

Eva tem atuado no sentido de inserir Elias nos processos produtivos e organizativos agroecológicos do grupo da ASSIS. Ao que se podem perceber, as coisas estão avançando, pois, segundo Elias, as mudanças estão em curso, ainda que em fase

¹⁰ Elias José Portela, 16 anos, mora com seus pais e irmão em Góis Artigas, município de Inácio Martins - PR e é o primeiro vizinho de Eva.



Elias (à direita) junto com seu sobrinho Lucas (ao centro) e seu irmão Eliseu, na área onde será instalada a nova horta. O terreno havia sido recentemente lavrado.

inicial. Para ele, no campo produtivo da propriedade de sua família, “mudou assim, bastante. Deixa eu vê, agora assim, não mudou bem ainda, mas mais tarde vai mudar. É nós temo ideia de plantar feijão orgânico, sem veneno, sem adubo, fazer um lugar lá, que não tenha veneno, pro milho acho que também”.

Eva tem atuado no sentido de inserir Elias nos processos produtivos e organizativos agroecológicos do grupo da ASSIS. Ao que se podem perceber, as coisas estão avançando, pois, segundo Elias, as mudanças estão em curso, ainda que em fase inicial. Para ele, no campo produtivo da propriedade de sua família, “mudou assim, bastante. Deixa eu vê, agora assim, não mudou bem ainda, mas mais tarde vai mudar. É nós temo ideia de plantar feijão orgânico, sem veneno, sem adubo, fazer um lugar lá, que não tenha veneno, pro milho acho que também”.

Além disso, Eva tem estimulado Elias a diversificar as atividades e iniciar a produção de hortaliças. Essa perspectiva tem animado o jovem, que iniciou a construção de uma nova horta. Nela pretende desenvolver a produção agroecológica e, como integrante do grupo de agricultores ecologistas, quer fazer entrega da produção para o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), obtendo assim renda oriunda dessa atividade produtiva.

Maria Rosa¹¹ confirma os esforços feitos por Eva para o envolvimento de mais pessoas no trabalho de transição agroecológica: “Ela vai conversando, mostrando as vantagens que tem, que às vezes a pessoa, a que não pode usar veneno, acha que é muito difícil, mas ela tá conseguindo trazer mais pessoas”.

¹¹ Maria Rosa Levitski, 54 anos, mora na Comunidade Góis Artigas, município de Inácio Martins – PR. Agricultora, professora aposentada e tesoureira do Grupo de Agricultores Água Viva. Irmã de Eva e Vera Lúcia.

¹² Rosilda de Moraes Ramos, 35 anos, mora na comunidade de Padre Chagas, município de Inácio Martins – PR. É Irmã de Eva e Vera Lúcia e vizinha da segunda.

¹³ Geferson Prediger, 31 anos, Bacharel em Administração de Cooperativas, atua no Setor de Produção do MST – Brigada Cacique Guairacá, Guarapuava – PR. Acompanha o trabalho de Ana na Secretaria Regional do MST.

Outra dinâmica de partilha solidária é feita numa esfera mais individual, de agricultora para agricultora, em suas relações imediatas e cotidianas, no convívio comunitário, entre parentes e vizinhos. Ao falar sobre Vera, sua irmã e vizinha Rosilda¹² afirma que “ela também se animo mais, participa, conta do que aprendeu lá (Escolinha)” e comenta que

“ela vinha me visitar e passava tudo que ela aprendia lá”.

Também reforça os testemunhos do repasse dos conhecimentos obtidos na Escolinha feitos na vizinhança e na comunidade, ao afirmar que “fazia, sempre aonde a gente vai, aqui na vizinhança né, nós sempre saía junto, eu, ela e a mãe sempre andamos junto, e ela sempre comentava, sempre que dava alguma oportunidade ela comentava de uma coisa que tinha lá”.

3.2.2

EXTRAPOLANDO A FAMÍLIA ENCONTRANDO A COMUNIDADE

Como a participação nos cursos impulsiona a maior participação política e o protagonismo comunitário, nesse campo observamos muitas mudanças geradas pela partilha solidária. No caso de Ana, sua ação passou a ser determinante para a retomada do trabalho com o Grupo de Jovens do acampamento em que vive sua família. Os aprendizados metodológicos no CFEP estão sendo determinantes para o avanço do trabalho, pois, segundo Geferson¹³, o trabalho com o grupo de jovens foi sendo retomado no período em que Ana estava na Escolinha. A dinâmica de trabalho com os jovens envolve reuniões semanais, incluindo atividades grupais de socialização, de estudo, re-

flexão sobre temas de interesse dos jovens e também atividades culturais, esportivas e de lazer.

É muito importante destacar que essas atividades no campo organizativo, comunitário e político tendem a potencializar mudanças em diversas outras dimensões da vida do grupo. No caso em tela, observamos que um dos caminhos que possivelmente vai ser trilhado por esse grupo de jovens envolve mudanças na área da produção de alimentos e geração de renda. De acordo com Geferson, “na comunidade dela o trabalho que eles tão fazendo com a juventude lá ainda tá no campo mais político, de formação e nós estamos também ajudando e provocando eles, ela né, junto com o grupo, pra que o grupo de jovens se desafie a desenvolver alguma atividade produtiva, pra também provar pra eles mesmo que (...) é viável trabalhar produção de alimentos como fonte de renda”.

Um caso mais direto e avançado de mudanças no campo ambiental e produtivo das comunidades, gerado pela partilha solidária de conhecimentos, pode ser observado no acampamento de Léo, onde ocorreu a diminuição das queimadas e adoção de práticas conservacionistas em função do repasse de conhecimentos que o mesmo fez junto à comunidade. Segundo Léo, “antes um capim daquele estava sequinho, botava fogo! Hoje não, deixa em cima da terra, cobertura né!?”

Aí a consciência do povo mudou muito. É mudou muito, está bem trabalhada. [...] A gente conversando, falando da importância, que não pode queimar o capim, que a cobertura pra terra é importante ... a terra fica outra ...

a gente deixa ele, vem outro mato, limpa de novo e vai melhorando a terra”.



Léo com sua companheira Francinete, na agrofloresta que está implementando em seu lote.

A partilha solidária, no âmbito comunitário, segundo Léo, é feita em diversos espaços de formação e, sobretudo, nas reuniões dos grupos de famílias e nas assembleias. Entretanto, cabe destacar que a multiplicação de conhecimentos e a mudança nos sistemas produtivos comunitários não se dão apenas por força das palavras em reuniões e assembleias. Entre os camponeses acontece, principalmente, como falava Paulo Freire, por meio do exemplo pedagógico. De acordo com Francinete¹⁴, companheira de Léo, ao comentar a implantação de um projeto de Agroflorestas e diversificação produtiva no assentamento, afirma que Léo foi um dos primeiros a introduzir essa inovação tecnológica no sistema produtivo de seu lote. Ele, por força de seu próprio exemplo, levou outros assentados, que inicialmente não acreditavam na viabilidade dessa mudança, aderirem e mudarem. Francinete nos conta: “... que no início eles (os outros assentados) não queriam não, eles: - eu vou plantar mandioca ou banana. Não acreditavam não! Aí depois que eles foram vendo, Léo aqui em baixo e Reginaldo¹⁵ lá em cima! Que ficou muita muda ainda aí, num foi Léo?! Aí eles iam no dia do coletivo (mutirão da comunidade), pegava um carrinho de mão: - vou pegar umas mudas dessas viu seu Léo?! - Leve, pode levar. Até que acabou, num ficou nem uma”.

¹⁴ Francinete Araújo Pereira, conhecida como Fran, acampada, companheira de Léo, tem 47 anos e junto com o marido e os filhos mora e produz no Acampamento Che Guevara, município de Jurema, Agreste Setentrional de Pernambuco.

¹⁵ Reginaldo José Costa, conhecido como Regis, é uma das lideranças do acampamento onde Léo e Fran moram. Ele, e sua esposa Marinês, iniciaram o processo de transição agroecológica de seu lote.



Léo partilhando os conhecimentos adquiridos junto a jovens do assentamento.

Segundo Léo, sobre a importância do não desmatamento e do plantio diversificado de árvores nativas para a conversação do solo, também tem ocorrido uma conscientização por parte das famílias acampadas. Essa ação é feita no trabalho cotidiano de organização do acampamento, que conta com quatro (4) grupos de famílias, uma coordenação e representantes dos setores de educação, formação e produção. Para Léo, “antes, o que tinha assim na plantação arrancava, que nasce muito pé de árvore, né?! Aí arrancava tudo. Hoje você vê companheiros aí que não arrancaram mais as árvore que tá nascendo, a broca. Tem parcela aí que tá uma maravilha. Aí estamos esperando a gente trazer mais muda pra gente doar pra eles. [...]”

Aí hoje em dia é mais consorciada, sempre tão plantando muito abacateiro, sabiá, caju, manga. A cabeça do povo tá mudando muito, nesse sentido da agrofloresta, porque a gente sempre bate forte, sempre tá discutindo e vamos discutir sempre”.

Como reconhecimento ao esforço coletivo das famílias, o Acampamento Che Guevara recebeu, em 2009, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Pernambuco, o Prêmio Luta pela Terra – Agroecologia. O Acampamento se destacou numa publicação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) como uma das experiências de promoção de segurança alimentar e nutricional.



Reginaldo e Marinês com a estatueta do Prêmio Luta pela Terra – Agroecologia, recebido pelo Acampamento.



Experiência de produção sustentável e segurança alimentar do Acampamento Che Guevara na Publicação do Ministério do Desenvolvimento Social.

3.2.3

EXTRAPOLANDO A COMUNIDADE O CÉU COMO LIMITE

No caso de Sílvia, assentada do MST, podemos observar como a participação no curso Pé no Chão permitiu o avanço de envolvimento dos sujeitos em níveis crescentes dentro da organização. Para ela, a Partilha de Conhecimentos foi fortemente intensificada quando passou a integrar a coordenação do Assentamento em que reside. Em seguida, a partir do curso Pé no Chão, onde desenvolveu seus conhecimentos políticos, metodológicos e voltados para a produção agroecológica, passou a contribuir com a Coordenação Regional da organização e hoje realiza a partilha solidária por meio de uma atividade no âmbito estadual, que é a coordenação do Centro de Formação Paulo Freire, onde fez, e ainda é realizado, o Curso Pé no Chão.



Sílvia

Essa ação ascendente, dentro da organização, gera um movimento crescente de espaços de irradiação dos conhecimentos partilhados. Sílvia, como nos conta, possui ideia de “ajudar seus iguais”, numa perspectiva solidária que extrapola os limites puramente geográficos. Seu desejo de contribuir tende a alcançar níveis universais de cuidado com o ser humano, como nos conta: “Eu não me vejo parada. Eu não quero ficar assim num canto só coordenando, eu gosto de estar nas áreas, eu gosto de estar lutando, gosto de estar tomando briga, arrumando cesta básica, estar

atrás de escola, de alimentação pros companheiros dentro da área de assentamento. [...] porque sei não, mas se eu pudesse, eu não via mais ninguém trabalhando assim pra latifundiário não.

Se eu pudesse, eu não via uma criança dessas passando fome, se eu pudesse resgatar todo mundo e trazer pra dentro do movimento eu trazia, né?!”.

No caso de Pedro, observamos que a partilha de conhecimentos também envolve a multiplicação dos aprendizados e avanços conseguidos de forma coletiva. Acir destaca que os aprendizados tidos pela comunidade, no processo de conquista de leis municipais favoráveis ao Faxinal Marmeleiro de Baixo, onde Pedro vive, são levados por este último a outros faxinais. Além disso, ele também leva essa experiência do Faxinal para o Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), no qual também faz parte. Essa é outra dinâmica de compartilhar os conhecimentos, de uma organização para outra.

Os avanços no campo da incidência política, na obtenção de marcos legais e políticas públicas favoráveis a determinados setores, pode beneficiar inúmeras comunidades e famílias, mesmo que essas não estejam diretamente envolvidas em alguma organização, nem atuando comunitariamente em favor de seus direitos. A ação das organizações, expressa na atuação de Pedro, por exemplo, possui efeito irradiador ilimitado e capacidade de motivação muito forte para outras comunidades e organizações. Exemplo disso, segundo Acir, após o curso: “aqui dentro do município foi conseguido um grande avanço, é, junto com os faxinalense, porque a lei municipal, é através da lei municipal dos faxinalense¹⁶, que os benzedor conseguiram a lei deles também, de ter carteirinha, o benzedor, tudo né, e esse conhecimento ele tá levando pra outros faxinalense também”.

¹⁶ Com base na luta das comunidades faxinalenses e amparados pelo Decreto Federal 6040/2007 e pela Lei Estadual 15.673/2007, que dispõem sobre o reconhecimento da identidade faxinalense e de seus acordos comunitários, alguns municípios promulgaram leis municipais favoráveis ao modo de vida das comunidades faxinalenses.



Pedro (de boné) ajuda a organizar o encontro comunitários das (os) benzedoras (es) em Fernandes Pinheiro (PR).

28

Em 2010, o município de Rebouças (PR), onde vive seu Pedro, devido à organização e luta do Movimento Aprendizes da Sabedoria, no qual o próprio Pedro foi parte ativa como membro da coordenação, foi o primeiro município do Brasil a reconhecer oficialmente, através de lei municipal, a prática das benzedeadas, curandoras, costureiras de rendaduras ou machucaduras. Com essa lei, diminui a pressão e as perseguições sobre os portadores dos ofícios tradicionais de cura, pelo reconhecimento do poder público da importância do seu trabalho para a saúde pública. Para poder exercer livremente o ofício tradicional de cura, a benzedora deve ir à Secretaria Municipal de Saúde e solicitar a Carta de Autodefinição, na qual descreve a forma de seu trabalho. Depois, o órgão emite o Certificado de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular e a Secretaria Municipal de Saúde emite uma carteirinha de identificação para cada benzedor.

Ao que constatamos, a participação nos movimentos sociais potencializa o alcance da Partilha de Conhecimentos, permitindo que seus efeitos alcancem



Pedro, à frente e de chapéu, ajuda organizar oficina de direitos étnicos e coletivos do MASA em Rebouças (PR).

outras comunidades. Exemplo disso é o caso de Tarcízio, que antes do curso era um sujeito pouco interessado mesmo pelos problemas de sua comunidade e não tinha envolvimento organizativo para além dos limites de seu faxinal.

A participação no curso alterou significativamente essa situação. Atualmente, Tarcízio é animador e orientador do Núcleo Municipal de Prudentópolis (PR) da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses¹⁷, atuando diretamente com as comunidades de três outros Faxinais, que englobam cerca de 200 famílias. Em seu depoimento, após o curso, Tarcízio destaca o que tem levado para essas outras comunidades:

¹⁷ A Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses é a organização das comunidades faxinalenses que desde o ano de 2005 atua na defesa dos direitos étnicos e coletivos dessas comunidades, sobretudo na região Centro-Sul do Paraná. Junto com diversos outros povos e comunidades integra a Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais.



Tarcízio, à frente de camiseta verde, puxando atividade da organização faxinalense.

“Levar o conhecimento dos direitos deles, ajudar organizar, orientar, ajudar nos conflitos, orientar quais os procedimentos principais pra levar até o Ministério Público tais conflitos. O que é conflito, o que não é conflito, porque tá ocasionando tais coisas.

Perceber a comunidade, a angústia da comunidade, o que ela tá sofrendo no momento, o que está ocasionando isso, o empobrecimento, a desunião e daí transformar isso em uma união e que todos vão lutar por esse conflito, pra combater o conflito. O conhecimento da lei, os amparos legais que tem e os caminhos que tem que percorrer até chegar até o Ministério Público e conquistar seus direitos”.

Além disso, Tarcízio também passou a integrar a Comissão Executiva da Articulação Puxirão e representa as comunidades faxinalenses no Conselho Regional do Programa Territórios da Cidadania, do Governo Federal Brasileiro. Ele também representou os faxinalenses no Grupo de Trabalho criado pelo Governo do Estado do Paraná, composto por representação pública e de organizações sociais, que elaborou proposta de política pública para as comunidades tradicionais do Estado. Assim, seus conhecimentos, lastreados pelo trabalho de incidência da organização dos faxinalenses, permite mudanças no campo das políticas públicas que tendem a universalizar direitos e conquistas para os faxinalenses e outras comunidades tradicionais do Paraná e do Brasil.

Constatou-se, em todos os casos estudados, um significativo aumento em relação ao comprometimento das pessoas com o trabalho coletivo, seja no âmbito da comunidade, seja no âmbito da organização da qual faz parte. Isso possibilitou que a ação desses sujeitos e o efeito da partilha solidária de conhecimentos beneficiassem um conjunto muito mais amplo de pessoas e comunidades. Exemplo disso é a participação intensa de Eva e Vera junto ao Grupo de Agroecologia Água Viva. A partilha dos conhecimentos e o trabalho delas junto ao grupo têm gerado muitos frutos para o conjunto das famílias. Um deles veio recentemente, no dia 13 de março de 2013, quando na presença da Presidente Dilma Rousseff, em Brasília (DF), o grupo obteve reconhecimento nacional por seu trabalho e recebeu o Prêmio “Mulheres Rurais que Produzem o Brasil Sustentável”, que é promovido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. O trabalho foi selecionado entre 521 iniciativas inscritas.



Agricultoras Claudete (de verde claro) e Maria (de preto) do Grupo de Agroecologia Água Viva segurando o troféu recebido das autoridades brasileiras

A QUESTÃO DE GÊNERO

Ao que foi observado, nos processos de formação estudados, a questão de gênero segue sendo um dos grandes desafios no trabalho das organizações. Dos sete casos estudados, quatro são sobre mulheres, sendo três adultas e uma jovem.

Eva e Vera possuem diversas semelhanças no processo, além de pertencerem à mesma organização de Agroecologistas, já eram responsáveis por todo trabalho reprodutivo da família e de grande parte do produtivo no que se refere à agricultura, já que os maridos trabalhavam fora da propriedade. Destacaram-se por ocupar o espaço público da participação política e organizativa de suas comunidades e por voltarem a frequentar a escola. No entanto, o trabalho doméstico continuou sob suas responsabilidades, o que aponta para existência de uma sobrecarga de trabalho que a médio ou longo prazo pode acarretar consequências prejudiciais à saúde dessas mulheres.

30



Vera, de camiseta verde, em reunião do grupo de agroecologistas do qual faz parte.

No caso de Silvia, foi significativo o papel que passou a exercer no Movimento Sem Terra, ao assumir a direção de processos de organização e formação. Mas, assim como Vera e Eva, nenhuma delas apresentou em suas falas questionamentos sobre a existência de relações desiguais de gênero, o que demonstra uma fragilidade teórico-metodológica dos cursos sobre o tema. Apenas Ana Paula ensaia uma crítica nesse sentido, quando comenta

que “quando uma moça vai sair, ali nos 16, 17, 18 anos, tem aquela insegurança sabe, mas o rapaz pode sair. Se tu vai pensa, meu filho não tem nada a ver, e agora já uma moça sair e voltar meia-noite, ah tem, nossa senhora, feito meu Deus, e um rapaz sair e voltar já não tem, por assim um lado tem um pouco de dificuldade, mas é a insegurança dos pais”.



Ana, junto à horta agroecológica que ajuda a manter na secretaria regional do MST.

Porém, observamos que essa é uma visão limitada, pois, Ana identifica o problema, mas a explicação da causa, a “insegurança dos pais”, demonstra o que Paulo Freire chama de “visão ingênua” da realidade. Da mesma forma, no discurso e na prática dos casos dos homens estudados, não há evidências de mudanças nesse aspecto, apenas identificamos o “reconhecimento” da importância da participação das mulheres.

IDENTIDADES

.....

Nesse campo tivemos mudanças significativas nos casos observados, sobretudo no distanciamento que os indivíduos adotaram em relação às práticas sociais e valores fortemente individualistas, e passaram a se aproximar de práticas e valores coletivos, a partir do momento que assumiram uma identidade coletiva. Ao assumirem a identidade de benzedor, faxinalense, agroecologista ou Sem Terra, esses indivíduos estão reivindicando o direito à cidadania, ao respeito às suas formas históricas de viver, trabalhar e se relacionar com a natureza.

Nesse sentido, as falas de Eva, seu Pedro, Léo, Silvia e Vera são inquestionáveis quanto ao sentimento de pertencimento ao campesinato e às organizações que fazem parte. Mas, merece destaque ainda maior a postura que assumem os jovens Tarcízio e Ana Paula, tendo em vista que um dos maiores desafios enfrentados pelas organizações de agricultores e agricultoras familiares é a permanência da juventude no campo.

Assim a fala de Tarcízio é emblemática: “Eu me identifico um homem camponês, não me vejo um cara de cidade, não me identifico como um urbano,

*eu sou do campo,
meu habitat é o
campo, é o faxinal, sou
faxinalense,
um camponês
faxinalense mesmo...”.*



Tarcízio (de boné) e seu pai junto a um animal da família.

No caso de Ana Paula, foi relevante o relato de Gefferson que nos contou que ainda durante o curso ela informou aos seus companheiros do MST que a família tinha a intenção de deixar o acampamento, mas que ela não sairia, embora não soubesse onde ia morar, tinha a certeza de que não deixaria as tarefas que estava assumindo na organização para acompanhar a família. A determinação desses jovens quanto às identidades assumidas é reveladora de um grande sentimento de pertencimento desenvolvido no processo de formação da Escolinha.

MUDANÇAS DE CONCEPÇÕES E SIGNIFICADOS

Os cursos Pé no Chão e a Escolinha buscam ampliar a capacidade crítica e analítica dos sujeitos, na perspectiva de impulsionarem processos de transformação no campo. Para tal são almejadas mudanças de concepções e significados alinhadas à superação das condições de opressão. Além dessas mudanças, também aportam conhecimento para a qualificação metodológica do trabalho organizativo dos participantes em suas comunidades. Em relação à mudança dos métodos de trabalho com a comunidade, destaca-se a prática de Eva que, embora antes de participar da Escolinha já exercesse um papel de liderança, após a formação reelaborou suas formas de conduzir o trabalho coletivo, pois segundo Gelson: “Ela tinha uma visão assim que todo mundo teria que, tinha que obedecer ao jeito dela, a visão dela, o modo dela pensar, então isso já ficou um pouco mais, eu percebi isso numa reunião aqui da ASSIS, lá ficou um pouco mais sensível, pra ouvir também, pra escutar, valorizar a ideia, ou a proposta do próximo, ou do companheiro da direção, do próprio grupo...”

acho que fortaleceu esse papel de coordenação, porque ela tem mais instrumentos, mais ferramenta, mais formação”.

Também no caso de Léo, liderança do acampamento Che Guevara, a família percebeu as mudanças ocorridas no seu método de trabalho comunitário. A filha Nina¹⁸ também concorda com afirmação da

¹⁸ Nina Maíra Araújo Barbosa, 21 anos, filha de Aureliano (Léo) e Francinete (Fran), participa do Grupo de Jovens do Acampamento Che Guevara.



Léo (camiseta azul), sua esposa Francinete (ao seu lado) e os filhos (as).

mãe sobre as mudanças de comportamento de seu pai e complementa: “Mudou muito. Que Pai é muito estourado, aí ele deu uma melhorada, é muito explosivo, se ele tem uma coisa pra dizer ele não pensa se vai magoar, ele diz.”

“E na época que ele foi pro curso, quando ele voltou, ele voltou totalmente diferente. Ele pensava antes de falar”.

Já no caso de seu Pedro, benzedor com 50 anos de idade, este acreditava pouco no processo de organização comunitária e, de acordo com seus vizinhos, as mudanças ocorridas com ele nesse sentido foram bem evidentes. Além disso, acreditava que os problemas da comunidade eram questões a serem resolvidas com o envolvimento apenas local, demonstrando após o curso uma postura diferenciada, chegando mesmo a participar de atividades de incidência política e defesa de direitos junto ao Governo do Estado. Acir destaca que: “Hoje ele vê né, ele participou das assembleias que nos tivemos lá em Curitiba sobre a questão das leis. A lei estadual que nós temos dos Faxinais. Então ele, agora ele viu que, que a comunidade se unindo com outras comunidades, se unindo com, com as leis, né, tem muito mais força”.

O jovem faxinalense Tarcízio, no início do curso, quando perguntado sobre “Quais os três principais problemas que existem na propriedade onde você vive?”, respondeu apenas: “falta de terra”. Quando respondeu a mesma pergunta após o curso, sua resposta foi: “pouca terra; não tem ainda incentivo na produção e comercialização de produtos do extrativismo e venda direta de



Tarcízio à esquerda com a família, no trabalho com o fumo, e à direita na lavoura de milho e de hortaliças, "diversificar pra sair do fumo".

hortaliça e outros produtos que eram produzidos e não tinha colocação e se deixou de produzir", agregando aspectos importantes como a necessidade de políticas públicas.

Tarcízio que antes se comportava de forma bastante indiferente aos problemas da comunidade faxinalense, modificou sua postura passando a ser um dos mais ativos e otimistas no envolvimento com a organização comunitária dos faxinais, desenvolvendo sua capacidade de análise dos problemas da comunidade. "Porque a gente consegue ver o seu local com outros olhos, vê quem você é, e como você pode atuar para que melhore as situações. Eu acho que foi importante porque você tem uma visão, mas

nesse curso eu consegui identificar melhor os problemas que causam o empobrecimento da comunidade, o êxodo rural, essas coisas... o que ocasiona certos conflitos dentro da comunidade e como a gente começa a aprender a lidar com isso né, isso a escolinha contribuiu muito pra mim".

Sobre Ana Paula, a mais jovem do grupo estudado, todas as pessoas entrevistadas afirmaram que ela "amadureceu" bastante no processo, passando a desenvolver de forma "séria" o trabalho com a juventude do acampamento

onde mora, contribuindo com a sua organização e com a busca de alternativas culturais e produtivas. Também começou a contribuir com a secretaria regional do movimento, demonstrando uma grande capacidade de iniciativa. Além disso, conta-nos que seu desempenho na escola formal melhorou bastante e passou a ser elogiada por seus professores após a participação na Escolinha.

Ana, que no início da Escolinha chegou a desistir por duas etapas da formação, ao final cita que um dos principais problemas enfrentados pela juventude é a falta de oportunidades, como a que teve com a Escolinha. "Também falta assim mais, mais curso de formação né, mais pessoas assim, também abrir mais portas, principalmente pros jovens lá, tanto pras minhas irmãs, na casa a gente vê que elas são bem fechadas, não



Ana na entrada de casa (com o irmão ao colo) e os demais irmãos.



tem diálogos muitas vezes porque não tem muito esses cursos de formação, é muito pouco curso que dá abertura pra elas ir”.

Após a participação na Escolinha, Vera se sentiu estimulada a retomar os estudos formais. Nesse caso, o interesse e a convicção da importância do conhecimento é algo inquestionável quando observamos a rotina intensa que Vera se submeteu para voltar à sala de aula, superando também as dificuldades de distância e transporte. A agroecologista vai para a escola de tardinha, saindo de casa às 17h30min. Tem aulas de noite até as 22h. Dorme na casa de uma sobrinha, que mora na Vila, e tem que levantar às 05h15min para pegar o transporte e poder voltar para sua casa, aonde chega por volta de 06h da manhã. Aí tem todo o trabalho doméstico, com os animais e com a horta. Além disso, participa do grupo ecológico, acompanha todas as entregas semanais de produtos do grupo e ainda trabalha na casa de uma tia duas manhãs por semana. Ao ser indagada sobre as razões de seu retorno à sala de aula, afirma que: “aí eu não sei, foi de repente, de repente comecei a estudar”. Segundo Maria Rosa, irmã de Vera, “ela nunca falou de estudar assim e eu mesmo pensava, não vai estudar mais, porque lá retirado né, não tinha transporte, como não tem agora, lá, vem, precisa dormir pra cá, só volta outro dia de manhã, mas tudo isso aí, nessa formação que ela teve (Escolinha), parece que abriu os horizontes [...]”.

Como exemplo de mudança na capacidade de análise da realidade, destacamos a trajetória de Silvia. Liderança do MST, que após participar do Pé no Chão, tornou-se coordenadora do curso e em seguida do próprio Centro de Formação, modificando sua forma de ver o mundo e as relações de trabalho, alterando também o modo de se posicionar diante dele, rompendo a posição de medo e de submissão. “A diferença é que a gente via aquele povo, da minha pessoa mesmo, eu pra mim num tinha esse negócio de exploração não. Pra mim trabalhava porque tinha que trabalhar mesmo, era normal [...] Podia me perguntar essas coisas que eu não sabia e hoje eu sei, porque aprendi aqui no Pé no Chão. E não tenho medo de enfrentar nada”.

Outro exemplo da qualificação e complexidade na análise da realidade é o caso de Vera. Sobre os problemas locais, durante a entrevista após o

curso, destaca a falta de cuidado com a natureza, a falta de terra e a presença nociva do agronegócio, expresso na plantação em larga escala de pinus, que rodeia toda sua comunidade. Essa análise evidencia que ela assimilou uma das lições estudadas na Escolinha, que apresentou as diferenças entre os modelos de desenvolvimento do agronegócio e da agroecologia, passando a perceber em sua realidade imediata a coerência da teoria apresentada.

Esse aprendizado é fundamental para a formação de sujeitos dispostos a protagonizarem dinâmicas de construção de sistemas alimentares sustentáveis, pois o agir local também sofre a ação dos condicionantes globais. No caso do campesinato,

*essa compreensão
permite romper com
a ação local isolada e
desconectada das grandes
contradições existentes
entre modelos de
agricultura protagonizados
pelo agronegócio e pelo
campesinato,*

permitindo uma visão inicial das contradições de classe que incidem diretamente sobre suas condições de vida. Segundo Vera: “Eu acho que o problema aqui pra nós é o desmatamento, por que a gente, nós os pequenos, nós cuidamos pra não cortar uma árvore, pra não destruir a natureza e os grandes que tem aqui, a firma (...) ela desmata muito, ela corta pinheiro, a madeira que encontrar, eles cortam e daí esperam apodrecer e plantam pinos, nós somos muito cercados aqui por pinos por todo lado. E a falta de terra, terra própria, cada um tem um pouquinho e daí não pode sobreviver daquele pouquinho, daí tem que sair, trabalhar fora. Esse é o problema de todos aqui, a falta de terra e a falta de trabalho”.



***HISTÓRIAS
DE VIDAS DOS
EDUCANDOS E
EDUCANDAS***

4.1

ANA PAULA CAETANO CIEVES

.....



Ana Paula Caetano Cieves tem 18 anos e faz parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Mora no acampamento Papuã, município de Guarapuava – PR, com a mãe, o pai e 06 irmãos. Ana é a segunda filha mais velha do casal. Sua família mora há cerca de três anos no acampamento, que existe há mais de seis.

A divisão dos lotes para moradia e produção foi feita pelas próprias famílias, por meio de um acordo interno, já que a área ainda não foi regulamentada pelo INCRA e, conseqüentemente, não possui acesso a qualquer tipo de financiamento, ou crédito para investimentos. Os principais produtos cultivados são: milho, feijão, mandioca e repolho, tomate e outras hortaliças. Também criam vacas, galinhas e cavalo. Toda produção é destinada ao consumo, com exceção do queijo, que é comercializado com os vizinhos. Além disso, fazem entregas de alguns produtos para o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), como cheiro verde, cebolinha, salsinha, chuchu, abóbora, abobrinha e cenoura. A família de Ana não possui e nem utiliza trator, ou junta de animais. O pai e a mãe trabalham fora do acampamento, em atividades temporárias. Não recebem nenhum tipo de assistência técnica e nem contratam mão de obra. São beneficiários do Programa Bolsa Família do governo Federal.

A experiência da Escolinha foi a primeira atividade de formação política (ou extraescolar) que Ana Paula participou. Inicialmente não se identificou com o curso e, após a primeira etapa, devido às dificuldades de

deslocamento, pois tinha que caminhar 07 quilômetros, na ida e na volta, de sua casa até o local onde pegava o ônibus, desistiu, deixando de participar das duas etapas seguintes. O que gerou seu retorno foi a ação de uma colega do curso, também acampada no Papuã e liderança do MST, que foi lhe visitar e mostrou os conteúdos trabalhados, como a questão dos direitos dos agricultores, que foi uma das temáticas que chamou a atenção de Ana, fazendo-a refletir: “lendo aquilo pensei, nossa que é que eu estou perdendo, daí eu pensei, não, vou corre atrás.” A partir de então Ana se dedicou intensamente a Escolinha.

Com o andar das atividades da Escolinha, Ana assumiu tarefas de formação junto ao MST, passou a coordenar o grupo de jovens do acampamento e foi convidada para atuar na secretaria regional do Movimento. Geferson¹⁹, dirigente do MST regional, ressalta a importância disso para a melhoria em sua autoestima:

“Hoje ela se sente mais valorizada, pelo que ela é, pelo que ela faz.”

Antes era uma jovem, uma menina que estava no acampamento com pai e mãe, que tinha as tarefas, que estava começando a assumir as tarefas, e hoje ela é alguém conhecida por outras pessoas, movimentos, tem uma tarefa na secretaria [...]”.

Outro aspecto fortalecido pela participação de Ana na Escolinha foi o seu rendimento na escola formal, onde cursou o ensino médio e da qual recebeu um certificado especial, como aluna destaque. Como nos conta: “Porque daí dentro da Escolinha, você vai aprendendo a olhar mais assim, mais pro horizonte, se não olha só mais fechado, ali dentro de uma sala de aula sabe, o professor falava uma coisa, eu questionava isso, então você ia ganhando essa liberdade, assim de você vê uma coisa mais pra frente”.

Contribuir com processos de transição agroecológica na produção camponesa é um dos principais objetivos da Escolinha, nesse sentido, o aprendizado de

¹⁹ Geferson Prediger, 31 anos, Bacharel em Administração de Cooperativas, atua no Setor de Produção do MST – Brigada Cacique Guairacá, Guarapuava – PR. Acompanha o trabalho de Ana na Secretaria Regional do MST.

Ana repercutiu significativamente no sistema produtivo da família, apesar de tratar-se de uma jovem que, tradicionalmente, não possui poder de determinação sobre as atividades familiares. Assim, o próprio exercício do método de trabalho para a transição agroecológica, a partir dos conhecimentos adquiridos no processo de formação, evidenciam as mudanças em sua concepção de agricultura e em sua prática social, ao tentar introduzir a agroecologia na unidade de produção da família. Como relata Ana: “Em primeira mão não, porque eles acharam não, nós sempre plantamos assim, e

daí a gente levou material pra casa, um livro (...) eu tentei explicar o mais simples possível, daí o pai nem tanto concordou (...) ele trabalha mais fora, mas mais foi a mãe, daí nós começamos a plantar desse jeito”.

O cuidado com o solo, a cobertura vegetal, o cultivo da mandioca e as práticas de irrigação de hortaliças, na perspectiva agroecológica, foram aprendizados da Escolinha que Ana passou a implementar no sistema produtivo da família e que gerou mudanças significativas, sobretudo na produção de hortaliças. Quanto à cobertura vegetal do solo, afirma que: “Começamos a cobrir mais os canteiros, foi uma mudança, assim com capim sabe, a gente coloca capim por cima dos canteiro.” Em relação ao cultivo da mandioca, conta que também ocorreram mudanças: “A gente não sabia (...) a gente estava jogando calcário numa área, daí começamos a plantar mandioca, e não dá, por causa que a mandioca não nasce, não dá junto com o calcário. Daí agora a gente tá produzindo mandioca junto na horta”.

A irrigação do canteiro das hortaliças, também sofreu modificações, um aprendizado que veio da Escolinha, pela derivação de uma lição acerca do

efeito da chuva sobre o solo. Exemplo de que os conhecimentos apreendidos não foram apenas técnicos, mas também teórico-metodológicos, na medida em que contribuíram para o desenvolvimento da capacidade de observação e análise crítica das dinâmicas e processos. Como diz Ana: “a gente sempre usava molha na mão, e daí quando a gente estudou (...) a gente viu né, que às vezes aquela chuva forte, ela prejudicava aquele solo que estava ao ar livre (...) daí a gente foi, fez aquela reflexão né, se no solo faz isso, agora um solo que só tem aquele pezinho minúsculo de alface que tá nascendo, você larga um, vamos supor, um balde de água, que a gente irrigava, ia prejudicar da mesma maneira que fosse a chuva no solo”.

Ainda em relação ao tipo de tecnologia, Ana destaca como era a prática familiar em relação ao uso de agrotóxicos antes da Escolinha: “A gente sempre usava sabe, direto (...) a gente era mais naquela parte de usar o veneno pra combater isso, combater aquilo sabe”, e segue comentando como estão se propondo a fazer após o curso, “(...) você tenta não usar mais agrotóxico né, então mudou assim porque

a gente sente, que aqueles alimentos que você tá consumindo é de qualidade, um alimento sem agrotóxico, sem nenhum transgênico”.

Os resultados das mudanças implementadas na produção podem ser percebidos, inclusive, no desenvolvimento econômico da família, potencializado pela comercialização do queijo na dinâmica interna do acampamento e a inserção no PAA, por meio da entrega de hortaliças, pois “as mudanças é que aumentou a venda, devido os produtos serem agroecológicos”, afirma Ana, que hoje considera a “propriedade” onde vive agroecológica.

A inserção no movimento, também, foi fundamental para perceber as possibilidades concretas desse modelo alternativo de agricultura. Segundo Jeferson, através do MST, Ana pode acompanhar a elaboração de um pro-

jeto de PAA, entendendo sua dinâmica e funcionamento. Isso reforça a importância da articulação dos processos de formação com as dinâmicas produtivas e políticas, que são sustentadas pelas organizações.

Ainda no campo produtivo, a participação na Escolinha possibilitou para Ana conhecer a proposta da Agroecologia, inspirando-a na produção de uma horta, junto com dois outros jovens, no espaço agrícola da Secretaria Regional do MST, onde, com o desenrolar das ações do curso, passou a atuar. O objetivo do trabalho é exercitar e ampliar os aprendizados, produzindo de forma agroecológica para o consumo, mas também para a comercialização e geração de renda.

Em relação à compreensão das questões sociais e políticas, observam-se no discurso de Ana mudanças substanciais na análise da realidade. Antes de iniciar o curso, afirmou que os três principais problemas que existiam na “propriedade” eram: estradas, luz (energia elétrica) e desinteresse de alguns indivíduos. Já após o curso, declarou que eram: a falta de Reforma Agrária, a falta de apoio financeiro do governo para melhores condições de vida dos Sem Terra, a falta de mais conhecimentos. Podemos, nesse segundo momento, perceber que seu discurso está pautado em temas estruturantes para a viabilização dos agricultores Sem Terra, como a Reforma Agrária e, também, é invocada a responsabilidade do Estado, não apenas os indivíduos desinteressados.

Ana ainda aponta a ausência de formação como um problema, principalmente para a juventude. Além disso, também se pode perceber a incorporação de elementos de classe em suas análises sobre a agricultura, quando comenta que: “Existe o problema das grandes fazendas, aquele fazendeiro tem um monte de terra pra plantar, planta só ali a soja né, e daí então só planta aquilo, e

tem aquela família que poderia tá plantando ali um pouco de milho, um pouco de feijão, não pode, porque a terra tá concentrada na mão dos grandes, do latifúndio”.

Ana Paula conta que antes de iniciar a Escolinha não participava muito das atividades da comunidade, revelando pouco interesse pelas questões do acampamento e do Movimento Sem Terra. Segundo ela, foi a participação na Escolinha que proporcionou uma mudança na sua compreensão e atitudes. O que pode ser confirmado também por meio da percepção de Jorcelino²⁰, dirigente local do Acampamento Papuã: “[...] Parece, depois desse curso, é uma pessoa que amadureceu mais, já trata com mais responsabilidade, leva as coisa mais a sério, porque tem que se sério, acho que essa foi uma mudança muito grande”.

Nessa mesma perspectiva Vanderléia²¹, jovem do Acampamento Papuã, diz que “a Ana não era assim muito de conversa com nós, agora ela conversa bastante, assim, participa das reuniões, o jeito dela conversa com nós no grupo de jovens, ela mudou muito”. Também sua irmã Sidinéia²² comenta:

“mudou muito, assim nas reuniões ela antes ficava quietinha, agora pega mais, ela que puxa a reunião.”

Sobre a contribuição de Ana na dinâmica interna do acampamento, especificamente do grupo de jovens, Jorcelino destaca o importante papel que ela passou a desempenhar após a Escolinha.

Em relação às características de comportamento pessoal, hoje se pode observar em Ana uma grande capacidade de iniciativa. Segundo Jeferson, outra mudança percebida em sua postura, que é extremamente importante, é o avanço observado no sentido dela perceber seus próprios limites e buscar conhecimentos para avançar. Para Jeferson, “ela tem a sede de conhecimento”.

²⁰ Jorcelino Maciel tem 40 anos e é um dos coordenadores do acampamento Papuã, município de Guarapuava – PR, onde vive com sua família.

²¹ Vanderléia da Costa (17 anos) é irmã de Sidinéia e vive com seus pais no acampamento Papuã, município de Guarapuava – PR.

²² Sidinéia da Costa (15 anos) é irmã de Vanderléia e vive com seus pais no acampamento Papuã, município de Guarapuava – PR.

Os conhecimentos adquiridos por Ana no processo de formação da Escolinha não resultou apenas no seu desenvolvimento pessoal, mas, também, vem ajudando na organização social e econômica da família e do conjunto da sua comunidade, pois “a mudança é que, com os conhecimentos adquiridos, eu passei a minha família e comunidade, transformando a comunidade, a produzir produtos agroecológicos, aumentando assim a economia e tendo uma vida saudável”, afirmou Ana.

Essa partilha dos conhecimentos também ocorreu com os vizinhos, segundo a Ana nos conta: “o mais foi quando a gente, tipo assim, de tardezinha, ia toma um chimarrão, foi nos vizinho”. Mas, onde melhor a jovem está realizando esse repasse de conhecimentos é com os jovens da comunidade. Vanderléia, jovem do acampamento, destaca o papel de Ana, “que tá ajudando muito” na retomada do funcionamento do grupo de jovens do acampamento e nos conta que o grupo “tava parado, daí a gente resolveu erguer de novo, pra nós pode sair assim, os jovens, participa das reuniões da brigada, que a Ana Paula conversou com nós pra gente participar. Pra nós ficar conhecendo mais o movimento assim, como é.” Para Gracieli e Beatriz²³, irmãs de Ana, o papel da irmã na reorganização do grupo de jovens foi muito importante, “a Ana eu acho que não fazia parte do grupo, e daí agora ela com o Evandro tiveram a iniciativa de tentar novamente. Agora eu acho que a gente vai conseguir alguma coisa”.

Segundo Vanderléia, a atuação de Ana tem estimulado muito a participação da juventude, não apenas no grupo de jovens, mas também nas reuniões e nos encontros da Brigada do MST. “Eu acho assim, o jeito dela conversar com nós, a comunicação que ela tem com nós, que ela incentiva a gente a fazer muitas coisas, que nós antes aqui nós não pensava em fazer, que nem participar assim da reunião da brigada, que é só as pessoas grandes né, daí nós não ia, mas agora que ela incentiva nós pra ir, pra nós conhecer como é que é, daí a gente vai”. A mãe das jovens Vanderléia e Sidinéia também aponta os efeitos que o trabalho de Ana tem gerado dentro da sua família, principalmente na mudança de comportamento, nos valores e atitudes das suas filhas, e comenta que

“agora as meninas tão bastante interessadas, pra vê o que acontece na reunião, pra vê como nós participamos lá, pra elas também chegam aqui, conversam entre elas né”.

O trabalho com o grupo de jovens foi retomado por Ana no período que estava na Escolinha, com ajuda de outras pessoas do MST. As dinâmicas de trabalho com os jovens envolvem reuniões semanais, com atividades de estudo e de lazer. A continuidade do trabalho com os jovens do acampamento, na perspectiva do MST, segundo Jeferson, deve incluir atividades produtivas e de geração de renda.

O Movimento Sem Terra já vem pensando na continuidade do processo de crescimento de Ana, o que revela a importância da articulação dos cursos de formação com o trabalho mais amplo do movimento social, pois estrutura e catalisa processos e dinâmicas de participação para os sujeitos e permite avanços em suas compreensões e práticas sociais. Jeferson comenta que, “Na última avaliação que fizemos aqui na secretaria, da necessidade de inserir ela em mais espaço de formação, nesse sentido me refiro, pra que ela se desafie a criar processos, coordenar processos, além de participar, não como participante, mas como coordenadora, acho que daí isso tem acontecido, mas ainda com não tanta assim, tanta expressão, mas não por conta da falta de iniciativa dela, mas por conta da dinâmica mesmo que a gente tem”.

A Escolinha também provocou mudanças em diversos aspectos socioculturais das microrrelações em que Ana esta envolvida, como no enfrentamento às dificuldades que as mulheres e a juventude passam diante das desigualdades de gênero e geração. Um exemplo disto foi a mudança provocada em sua família no processo de tomada de decisões, sobre o que plantar, onde, como e quando. Ela nos conta que esses temas eram, inicialmente, apenas tratados pelos pais, mas, com os estímulos da Escolinha, tudo mudou: “[...]”

²³ Beatriz Caetano Cievas e Gracieli Caetano Cievas são irmãs de Ana Paula e moram com os pais e os demais irmãos no acampamento Papuã, município de Guarapuava – PR.

Daí nós começamos a participar, ali nos cantos, e daí hoje nós já tem mais aquela abertura, o pai e a mãe chama pra conversa”.

Sobre a participação da juventude, Ana apresenta uma perspectiva bastante crítica em relação ao papel dos pais. Como afirma: “Porque os pais tentam segurar o filho na casa (...) pra ir pra uma reunião ele não tem o debate, e bem ao contrário, (...) eu acho que falta aos pais dar mais abertura pros filho”. E no caso das jovens mulheres considera que a participação é ainda mais difícil, demonstrando criticidade também com relação às questões de gênero.

Beatriz e Gracieli, irmãs de Ana, ao falarem sobre as mudanças que perceberam na irmã após sua participação na Escolinha, revelam o seu rompimento com a atuação restrita ao espaço doméstico, passo imprescindível às mulheres na conquista de sua autonomia. “[...] Ela mudou, porque antes ela ficava só na casa. Depois do curso começo a participar da reunião e participar da comunidade, (...) antes não, antes só ficava na casa. [...]

Ela não tinha interesse pela comunidade, aí depois que ela começou a fazer o curso, daí ela foi, já começo a sair com a mãe, lá em baixo nas reuniões, dá opinião dela”.

A relação entre o trabalho produtivo e reprodutivo é outra dimensão necessária à superação das desigualdades de gênero. Assim, Ana nos conta que esse era um tema bastante conflitivo, sobretudo entre as irmãs mais velhas, pois uma tinha que ficar sempre

em casa, com as tarefas domésticas, e as outras tinham que acompanhar os pais nas tarefas de lavoura. Essa divisão gerava muitos tensionamentos e foi resolvida com uma nova forma de planejar o trabalho, que envolveu um rodízio entre as irmãs no trabalho doméstico e na lavoura. As noções de organização e planejamento do trabalho, aprendidas na Escolinha, certamente influenciaram e contribuíram para essa mudança na organização do trabalho familiar.

Sobre seu futuro, Ana conta que antes de participar da Escolinha, e se envolver mais com o MST, sonhava em ir pra cidade, “trabalhar de empregado, numa grande empresa.” Após o curso afirma que no futuro pretende “ter cursado uma faculdade, atuando na comunidade com grande visibilidade e com certeza fortalecer cada vez mais a luta pela reforma agrária popular”. Esse aspecto nos revela que dentro desse processo de formação Ana passou a assumir a identidade do sujeito social e político “Sem Terra”.

Outro episódio que revela a vinculação de Ana com a identidade coletiva da organização camponesa Sem Terra foi relatado por Jeferson. Segundo o militante, ainda durante o período de realização da Escolinha, o pai e a mãe de Ana decidiram sair do acampamento, em função da demora na regularização do assentamento e das difíceis condições para garantir o sustento da família. Segundo Jeferson, Ana pautou isso em uma reunião do MST, afirmando que não sabia onde iria morar, mas que uma coisa ela tinha certeza “[...] que ela não queria deixar aquela tarefa que ela estava fazendo, a função que ela tinha aqui, a indecisão dela era mais no sentido de onde ela ia ficar, onde ia morar”, revelando o grau de realização com o que estava fazendo e seu compromisso coletivo.

EVA APARECIDA OLIVEIRA



Eva é agricultora, tem 47 anos e mora na Comunidade Góis Artigas, interior do município de Inácio Martins - PR. De sua casa até a cidade são 27 km. Vive com seu marido em uma propriedade de 15 alqueires, que pertence a sua sogra e que são utilizados de forma combinada por mais duas outras famílias. Além dessa área, arrendam pequenas glebas para o cultivo de milho e feijão. Possuem quatro filhos e uma filha, mas todos já saíram de casa.

As principais atividades produtivas são: feijão, milho, hortaliças, batata doce e mandioca, mas também possuem gado para produção de leite, porco, galinha, peru e cavalo. Todos esses produtos são consumidos na propriedade. A família não possui trator. Quando intensificaram as atividades na horta, no período que o marido de Eva trabalhava durante a semana fora da propriedade, chegaram a contratar temporariamente força de trabalho, para ajudar nessas atividades produtivas. Seu marido recentemente parou de trabalhar fora da propriedade, fazendo com que todas as rendas da família venham da agricultura. As principais formas de venda de produtos são para programas de governos e a entrega do leite para cooperativas. Também fazem entregas semanais de hortaliças para o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos). Segundo Dona Eva nenhum produto é agroindustrializado na propriedade.

Eva estudou apenas quatro anos, tendo parado de ir à escola há mais de 30 anos. Sempre esteve à frente das atividades produtivas e reprodutivas da família, assumindo um papel importante na gestão produtiva e financeira da propriedade. Participou de alguns outros cursos de formação, promovidos por organizações de agricultores, antes da Escolinha, exercendo um papel de liderança comunitária. Foi conselheira durante nove anos no Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural. Também é catequista na comunidade e é musicista da Igreja. Atualmente é vice-presidente da ASSIS (Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis) e presidente do grupo de agricultores ecologistas “Água Viva”, da comunidade de Góis Artigas.

Sobre o significado da Escolinha, e sua importância para a vida, Eva comenta que: “Pois olha, apesar da dificuldade pra gente participar, foi muito bom, muito bom mesmo, a gente chegava de lá, passava, conversava com as pessoas (...) é muito rico, só quem vai e participa direitinho pra saber a riqueza que é, a gente buscar a sabedoria lá fora né, com esses professores de fora.

Muita coisa que a gente não imaginava como era, a gente aprendeu como que é. Tivemos aula lá, eu esqueci o nome do professor no momento, ele falou sobre direitos, foi uma coisa importantíssima, que a gente até então não sabia nada disso.

Então essa escolinha foi muito rica, ajudou muito a gente, a mentalidade, a gente pensar, agir, a gente organizar, como organizar as coisa, foi muito proveitosa”.

Em relação ao entendimento sobre agroecologia, Gelson destaca que antes de iniciar sua participação no grupo agroecológico, Eva possuía uma visão bastante limitada e tinha muitas dúvidas sobre a viabilidade da agroecologia, mas que isso mudou durante o curso. Também nos conta que quando iniciou sua aproxima-

ção com a agroecologia seu marido também afirmava que “não dava nada! Deus o livre, o que que adianta”, mas que com as primeiras colheitas agroecológicas, e a geração de renda, a visão dele também mudou. Segundo Eva, “aí ele foi se empolgando e agora ele tá um bicho véio, não sabia nem plantar um pé de couve, mas agora já tá bem encaminhado”.

Após o curso, Eva considera que ainda precisa dar muitos passos para que sua propriedade se torne agroecológica, pois acredita que ainda não é totalmente. Em relação ao uso de agrotóxicos e venenos na propriedade de Eva, ela diz: “O uso de veneno já foi bastante reduzido e pretendemos deixar de usar cem por cento.” Todavia, Gelson destaca os avanços de Eva nesse campo, pois ela “definiu mais claramente que a agroecologia é uma das alternativas pra realidade dela, pela comunidade que ela vive, isso ajudou a clarear e apostar mais, investir mais, acreditar mais nessa temática aí do trabalho da agroecologia”.

O curso também contribuiu para animar Eva, que fala empolgada dos novos aprendizados e ideias trazidos da Escolinha, passando a colocá-los em prática na unidade de produção: “Coisas novas e isso enriqueceu muito, coisas novas e que a tendência é melhorar (...) a gente tem que trabalhar em direção daquela ideia e colocar em prática, que cada dia vai melhorando mais”.

O curso impulsionou e fortaleceu o processo de transição agroecológica na unidade de produção, tendo gerado diversas mudanças produtivas. Um aspecto diz respeito à redução da dependência de insumos externos. Atualmente a propriedade é dependente de sementes externas e esse pode ser um novo campo de mudanças geradas pela participação na Escolinha. Segundo Eva, “A gente compra semente (...) todo ano a gente compra a semente, que é uma coisa também que já estamos pensando em produzir a própria semente.”

Porque comprar todo ano se a gente pode produzir?”

Também em relação ao cuidado com os animais, Eva está se desafiando a trabalhar com tratamentos homeopáticos. Segundo ela, houve aprendizado sobre isso na Escolinha: “Todo mundo aprendeu a homeopatia, (...) mas a gente ainda pretende mexer com homeopatia bem como é preciso”.

Algumas das ideias e planos de dona Eva já estão sendo implantadas, são inovações produtivas colocadas em prática. É o caso do pomar de frutas, que não existia na propriedade. Como nos conta na entrevista após o curso: “Ano passado aqui era uma grama, aí a gente decidiu de plantar arvoredo ali, ano passado, olha o tamanho, mas já deu (...). A gente não tinha nem um pé de pêssego pra fruta, a não ser os pés de ameixa”.

Também Gelson²⁴ destaca que ocorreram mudanças perceptíveis no sistema produtivo da família: “Ela já investiu mais na propriedade, deixou, não é que deixou o leite, mas é ela também estruturou mais a propriedade, pelo menos com horta, comprou estufas pra fazer, comprou cano, bomba, então ela acabou investindo mais na produção, (...) acredita mais na agroecologia (...) apostou na produção de verduras, legumes e assim por diante né, então aumentou a produção”.

Com isso os vizinhos também percebem as mudanças na unidade de produção, constituindo uma referência para a comunidade. Para Elias²⁵, jovem, filho do primeiro vizinho, muita coisa aconteceu na propriedade de Eva no último período (depois da Escolinha). Segundo ele:

“Teve bastante mudança, antes não tinha horta ali, grande né, agora, e sei lá, antes não era orgânico, tudo era veneno, agora mudou”.

Estes conhecimentos que Eva está aplicando, e modificando sua unidade de produção, também são transmitidos aos vizinhos e à comunidade, em diferentes espaços, que constituem a partilha dos conhecimentos. Eva nos conta que: “As experiências que a gente pegou já foi aplicando. Eu sou presidente do grupo de orgânicos aqui da comunida-

²⁴ Gelson Luís de Paula, 36 anos, agricultor ecologista, mora na comunidade Rio Grande – Irati/PR. É tesoureiro do Instituto Equipe de Educadores Populares e ex-presidente da ASSIS – Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis. Assessorou a formação do Grupo de Agroecologia em que Eva e Vera participam. Participou como educando de uma das edições anteriores da Escolinha.

²⁵ Elias José Portela, 16 anos, mora com seus pais e irmão em Góis Artigas, município de Inácio Martins - PR e é o primeiro vizinho de Eva.

de, então a gente tem uma reunião por mês, e daí a gente repassa algumas coisas e isso tudo de lá, tudo da Escolinha, algumas ideias, algumas receitas, a gente repassa sempre pro grupo”.

Um caso interessante de repasse de conhecimentos de Eva ocorre com seu jovem vizinho Elias. Ela tem atuado no sentido de inseri-lo nos processos produtivos e organizativos agroecológicos do grupo da ASSIS. Ao que se pode perceber, as coisas estão avançando, pois segundo Elias as mudanças estão em curso na unidade de produção de sua família, mas ainda em fase inicial. Uma das recentes inovações produtivas na propriedade de Eva foi a produção de húmus com o uso de minhocas. Essa tecnologia foi repassada para Elias, que já está iniciando a implantação em sua propriedade, para futuramente ter húmus.

Além disso, Eva tem estimulado Elias a diversificar a produção, inclusive com hortaliças. Essa perspectiva tem animado o jovem, que já iniciou o processo de construção de uma horta nova. Nela pretende desenvolver a produção agroecológica e, como integrante do grupo de agricultores ecologistas, fazer entrega da produção para o PAA, para obter renda, além de melhores alimentos.

A participação dos jovens tem sido preocupação recorrente de Eva. Ela respondeu que “está fraca e precisa melhorar bastante”, tanto antes como depois do curso. Por isso tem se dedicado a estimular mais jovens a participar, conforme relata Gelson:

“Ela sempre tá ajudando também a chamar os jovens,

que tão ainda, que participam, que fazem parte das famílias, que são integrantes do grupo (...). Estimulando (...) como nessa última reunião que a gente teve, ela veio mais os três jovem na reunião do setor”. Após o curso, Eva afirma que, “As crianças, os jovens, os adolescentes vão sentindo gosto pela coisa e eu acho que se a gente for incentivando, vai mudando a mentalidade do jovem, principalmente pra aqueles que têm vocação, porque pra tudo tem que ter vocação, de mexer com a terra, então eu acho que aos poucos vai melhorando, vai incentivando os jovens, vai envolvendo eles na lida”.

O empenho comunitário de Eva é reconhecido comunitariamente. Izulina²⁶, que é primeira vizinha de Eva, conta-nos que iniciou a participação no grupo de agricultores ecologistas a convite e por estímulo de Eva, entretanto não conseguiu dar continuidade, por problemas familiares. Maria Rosa²⁷, irmã de Eva, também confirma os esforços feitos pela irmã para o envolvimento de mais pessoas ao grupo: “Ela vai conversando, mostrando as vantagens que tem, que às vezes a pessoa, a que não pode usar veneno, acha que é muito difícil, mas ela tá conseguindo trazer mais pessoas”.

Ainda no campo da inovação produtiva, outra dimensão pode ser percebida como uma contribuição da Escolinha, no que diz respeito à gestão e, sobretudo, ao planejamento da propriedade, que foi qualificada no último período. Segundo a entrevista de Eva, após o curso:

“Antes a gente não fazia nada dessas coisas, agora, hoje já se pensa, hoje a gente já planeja (...) tem o plantio de verão e o plantio de inverno, a terra nunca fica sem nada”.

Além disso, em relação aos controles escritos das compras e vendas da propriedade, declarou que não fazia nada. Este aspecto da gestão da produção também mudou depois Escolinha, pois começou a fazer certo controle escrito dos dias de trabalho, das atividades desenvolvidas, o que foi plantado, quanto, onde, etc.

Além do mais, com os estímulos oriundos da Escolinha e organizados no grupo, agroecologistas reivindicaram e conseguiram assistência técnica junto às autoridades municipais. Apesar disso, Eva destaca que o trabalho não está satisfatório, pois é preciso que a orientação técnica seja agroecológica.

Eva afirma que a falta de trabalho é um dos problemas na comunidade. Ela sonha em organizar uma padaria

comunitária, como alternativa de trabalho e renda para as mulheres da comunidade. Também destaca o problema da falta de apoio para as pessoas que trabalham com artesanato, que poderia ser uma alternativa de renda, e também o problema da destinação do lixo na comunidade. No campo da produção, um dos principais obstáculos destacados é a dificuldade com o transporte dos produtos, em função dos custos, das distâncias e das péssimas condições das estradas.

A participação na Escolinha estimulou Eva a assumir novas tarefas dentro da ASSIS e contribuiu muito na melhoria do seu método de trabalho comunitário. Antes do curso, com seu impulso e desejo de ajudar, Eva acabava tendo uma postura mais incisiva de participação nos diálogos e atividades grupais, o que gerava estranhamentos com algumas pessoas, contudo, segundo a percepção de Gelson, a participação no curso contribuiu muito para que ela mudasse essa postura. Essa observação também é atestada por Maria Rosa, para quem “ela tá melhor assim, de uns tempos pra cá ela já tá conseguindo assim dialogar mais, (...) conversar, o que nós vamos fazer, o problema lá, pedir mais opinião né, pra dialogar. Então ela já tá melhor”.

Gelson também destaca que a participação na Escolinha gerou mudanças no entendimento não apenas da agroecologia, mas também em relação ao papel dos movimentos sociais, “eu acho que a contribuição maior foi essa, essa clareza que ela teve a respeito da agroecologia, ficou mais claro o que é agroecologia, como que ela desenvolve o papel da agroecologia, papel das organizações, e qual que é a função dos movimentos sociais”.

Depois que fez o curso, Eva destacou a importância do grupo agroecológico para ela e para as demais famílias envolvidas, revelando a importância da vinculação de processos educativos e formativos com dinâmicas socio-organizativas para além dos processos de capacitação: “Eu, pra mim isso significa muito (...), então pra mim a importância foi isso, gerou renda na comunidade, pra mim e pras família, alimentação é de qualidade, a verdura de qualidade, também, que

e sua disposição em instigar as atividades, cantando e tocando violão. Segundo Gelson, ao se sentir mais à vontade Eva passou a animar os próprios espaços e encontros da Escolinha, assim como as atividades do grupo de base e da ASSIS: “Animava algumas etapas, tocava violão, cantava alguma música, mas acho que é isso, ajudou ela colocar pra fora essa, essa, fortalecer essa questão de animar, de participar, de levar o violão pra próxima reunião”.

Além disso, outro fato significativo na vida de Eva foi o retorno à escola formal. Com o estímulo que teve durante a Escolinha, ela resolveu voltar a estudar e também convenceu seu marido Jorge a retomarem juntos os estudos. Depois de 30 anos o casal volta às aulas.

Por fim, ao relatar sobre os planos e as atividades futuras afirma que são muitas ideias e projetos. Empolgada, conta-nos: “Eu penso em transformar esse tanque em um pesque e pague... eu quero a horta bem plantada mesmo, até a gente tá se organizando pra ver se faz um PRONAF (...), então a gente penso nisso, uma estufa bem grande, um processo de irrigação, uma ordenhadeira, pra facilitar, um motorzinho, pra triturar as coisas (...), produção do leite bem organizadinho, como precisa ser, ordenhadeira, barracão terminado, piso, piso que não tem ainda, assim pras pessoa chegar e meio se espelhar, pastagem organizada pras vaca (...), eu quero ali fazer uma produção maior de mandioca (...), então a minha ideia é organiza bem mesmo, como é preciso isso aqui e reflorestar alguns lugar que dá pra reflorestar, o pomarzinho já tá formadinho ali, pêssego, ameixa, essas coisa né, um pomarzinho, que eu também tenho esse sonho. Ter um pomar ali de frutas, é isso”.

*até certo tempo a gente
comprava lá no mercado
né, nem plantava”.*

Outra mudança que aconteceu em Eva e que foi comentada por Gelson tem a ver com a sua animação

²⁶ Izulina Almeida da Luz, 49 anos, mora na comunidade Góis Artigas, município de Inácio Martins – PR e é a primeira vizinha de Eva.

²⁷ Maria Rosa Levitski, 54 anos, mora na Comunidade Góis Artigas, município de Inácio Martins – PR. Agricultora, professora aposentada e tesoureira do Grupo de Agricultores Água Viva. Irmã de Eva e Vera Lúcia.

4.3.

AURELIANO BARBOSA NETO DA SILVA (LÉO)



46

Aureliano Barbosa Neto da Silva (Léo) é casado com Francinete Araújo Pereira (Fran), ambos possuem 47 anos. O casal tem duas filhas e dois filhos e moram no acampamento Che Guevara, conquistado na luta organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, localizado no Município Jurema, no Agreste Meridional de Pernambuco. Léo estudou até a 5ª série, só retornando à sala de aula por meio do MST, para participar do Curso Pé no Chão.

O acampamento é formado por uma área de 900 ha. As terras foram distribuídas entre as 34 famílias, por meio de acordo interno entre as/os acampadas/os, já que ainda não conseguiram a regularização do processo de desapropriação. O pré-parcelamento foi realizado há cerca de três anos e cada lote possui cerca de sete hectares. Há grande disponibilidade de água para as famílias, possibilitando o criatório e o cultivo irrigado.

A família de Léo produz para consumo o milho e o feijão. Para o consumo e comercialização produzem mandioca, maracujá, melancia, banana, graviola, açaí, coco, abacate, caju, manga, batata doce, cou-

ve, azeitona, pimentão, alface, coentro e cebolinha, assim como criam gado, porcos, galinhas e ovelhas. Tudo isto contando apenas com o apoio do MST e entidades, a exemplo da Cáritas, já que, por ainda se encontrarem na fase de acampamento, as famílias do “Che Guevara” não podem acessar a nenhum tipo de crédito público de investimento destinado às áreas de Reforma Agrária.

Para Léo, que antes de entrar no Movimento morava na cidade, o curso Pé no Chão, o primeiro que participou, foi fundamental para que se apropriasse de práticas da agricultura e criação para o desenvolvimento da sua produção. O Lote da família de Léo é o mais produtivo do acampamento. Segundo ele, “uma das coisas mais importante que eu achei no curso Pé no Chão é a disciplina. Cumprir horário, o horário é uma coisa fundamental que é onde você determina várias coisas e aprende cumprir os horários. Que nem aqui a gente tem o manejo com os horários. Um vai pra roça, outro pra aguação, outro fica cuidando dos porcos, outro vai cortar as banana. A disciplina lá é importante porque a gente aprende os horários, que o tempo é valioso, né? Principalmente cuidar de galinha, que nem eu aprendi lá. Porque pra quem vem da cidade é um bicho de sete cabeças, cuidar de porco, cuidar da criação de galinha, na plantação de maracujá, porque a gente num sabe nem fazer uma poda de maracujá, e tudo isso a gente aprende lá. Tirar um leite da vaca, que era um bicho de sete cabeças, o cara da cidade só vê falar mais fazer na prática é difícil, né?”

*Cuidar daquelas mandalas,
é bom demais. O manejo
com os animais é muito
importante pra mim, no
curso Pé no Chão”.*

Léo afirma que a diversidade de produtos e criações que possui hoje em dia no seu lote foi gerada pelo incentivo de coordenadores do MST e impulsionada a partir da sua participação no curso Pé no Chão: “[...] a criação era muito pouca, e o negócio é o manejo. Vê só: há seis anos, aqui, o que é que a gente plantava? Só plantava agricultura, só mandioca, só uma agricultura.

A partir de lá foi que a gente começou a plantar o maracujá, a melancia, meio mundo de agricultura”.

A diversificação da produção é uma das estratégias estimuladas pelo MST, sendo uma ação considerada fundamental para a garantia da alimentação das famílias e para a sustentabilidade do sistema produtivo.

Francinete²⁸, esposa de Léo, que além da responsabilidade, juntamente com as filhas, pelo trabalho reprodutivo da família, cumpre grande parte do trabalho produtivo, sobretudo com a criação dos animais, afirma que a diversificação e o aproveitamento na alimentação dos “bichos” melhoraram a partir dos conhecimentos adquiridos pelo marido no curso. “Antes, a gente só tinha uns porquim pequeninho, era no tempo que a gente fazia queijo. A gente dava alimentação assim, adoidado. Depois que Léo voltou não, ele viu muita coisa lá e já mudou, né? Com as coisa que ele aprendeu lá [...]. O manejo de uma porca parideira, ela come, digamos, três quilos por dia, a gente dava, digamos, dez quilo por dia. Um barrão que nem aquele lá, a gente dava o que ele tivesse comendo, era o dia todo comendo. Hoje a gente da, no máximo, dois e meio a três quilos pra ele, pra manter ele. É muito importante, né?”.

Num galpão, ao lado da casa, a família desenvolve a criação de galinhas, com recursos de projetos de entidades que apoiam o MST e destinam recursos para incentivos à produção de agricultores/as familiares. Léo se desafiou a acessar o projeto a partir dos aprendizados que teve no curso. Assim nos conta que

“é sempre uma ideia que veio de lá, né? Que a gente aprendeu e veio colocar em prática

agora, que a gente arrumou recursos, teve esse projeto pra entregar nos assentamentos e Almir li-

gou pra mim: da pra tu manter? Dá, vamos fazer, aí fiz”. Nesse relato podemos perceber a capacidade de incorporação de novas atividades produtivas, da apropriação de tecnologia e da proatividade estimuladas no curso.

Para alimentação dos animais, Léo diz que, assim como aprendeu no curso Pé no Chão, hoje utiliza vários recursos produzidos no lote como frutas, folhas de fruteiras e de outras árvores, restos de verduras e hortaliças e capim, buscando assim diminuir a dependência dos insumos do mercado. Por sua vez, reaproveita o esterco dos animais, especialmente das galinhas, faz consórcio com os cultivos e começa a fazer rodízio nas plantações a fim de melhorar a fertilidade do solo, expressando também outro campo produtivo onde houve inovações e qualificação no agroecossistema.

Para Léo, além dos aprendizados com o manejo dos animais e das plantas, o curso Pé no Chão foi fundamental para superar os entraves na comercialização, considerada por ele o maior obstáculo para a agricultura camponesa. A sua experiência anterior como feirante também ajudou a pensar melhores estratégias de inserir-se no mercado. Fundamental foi ter compreendido como fazer o balanço dos custos de produção e a importância do trabalho coletivo, para superação do atravessador, que são aspectos determinantes para que hoje a família de Léo possua uma alimentação diversificada e uma produção de excedente, que comercializa e complementa a renda familiar.

Os conhecimentos adquiridos por Léo no Pé no Chão foram compartilhados com a família, com as demais famílias do acampamento Che Guevara, e com muitas outras pessoas da Brigada Quipapá, da qual foi um dos coordenadores, demonstrando o aumento do seu compromisso com a comunidade, bem como contribuindo na organização da qual faz parte.

Na esfera familiar é possível perceber a influência dos aprendizados do curso, por meio da fala de Francinete, que divide o trabalho produtivo da família com Léo: “Eu anoto quando a gente planta a melancia, quando colhe. A questão dos bichos:

²⁸ Francinete Araújo Pereira, conhecida como Fran, acampada, companheira de Léo, tem 47 anos e junto com o marido e os filhos mora e produz no Acampamento Che Guevara, município de Jurema, Agreste Setentrional de Pernambuco.

o dia que chegou, o dia de vacina, o dia que pariu, tudo isso fica no meu cargo. Pra saber, o bicho, quanto tempo ele tá no chiqueiro, no caso do porco. O tempo, se ele vai dá prejuízo, o que aumento, a questão do manejo, se esse aqui vai dá prejuízo, se esse aqui evoluiu mais, se já tá no tempo de levar pra feira, que é 3 a 4 meses pro abate, o porco. Às vezes tá com três meses e tá bom, mas a gente num tira, deixa completar a data que ele vai aumentar, num vai dá prejuízo, né?”. Este relato de Francinete nos permite perceber claramente o processo de partilha de conhecimentos que ocorre no espaço imediato de convívio dos participantes do curso que é a própria família.

Reginaldo²⁹, que também faz parte do acampamento Che Guevara e possui um lote com diversificação e produção agroecológica, semelhante ao de Léo, diz que muitas coisas que vêm introduzindo em seu lote foi fruto do aprendizado de Léo, pois este foi repassado através da partilha solidária de conhecimentos.

A atividade que mais tem se desenvolvido no Acampamento, a qual Léo, juntamente com Reginaldo, têm se empenhado em multiplicar entre as famílias da comunidade, é o da diversificação na produção de frutas a partir de um projeto do MDS (Ministério do Desenvolvimento Social) para o plantio de Agroflorestas. Diz Reginaldo: “Foi distribuído, agora a gente fez um acordo que eu e o Léo ficasse com a maioria, pra gente poder repassar. Até porque a gente tinha mais interesse em fazer a coisa. Aí a gente pegou uma quantidade maior pra fazer o plantio e depois com a semente poder repassar futuramente pras outras família. E as família que se interessaram também pegaram um pouquinho, também num quiseram pegar muito, pegaram pouco e também já plantaram [...]. É porque nem todo mundo tem interesse de plantar árvore. A gente disse, a gente quer, porque a gente é meio doido mesmo.” Percebe-se o efeito multiplicador que foi desencadeado na comunidade a partir da ação de Léo e das relações sociais que este estabelece enquanto membro do Acampamento e do MST.

Além das alterações em sua unidade de produção, Léo aponta mudanças que estão ocorrendo no conjunto do acampamento, que revela um processo crescente de adoção e apropriação do processo de transição agroecológica pelas famí-

lias acampadas. Houve diminuição das queimadas, do desmatamento e ampliação dos cuidados com a fertilidade dos solos. Bem afirmativo ele explica: “Antes, o que tinha assim na plantação arrancava, que nasce muito pé de árvore, né? Aí arrancava tudo. Hoje você vê companheiros aí que num arrancaram mais as árvore que tá nascendo, a broca. Tem parcela aí que tá uma maravilha. Aí estamos esperando a gente trazer mais muda pra gente doar pra eles. [...] Aí hoje em dia é mais consorciada, sempre tão plantando muito abacateiro, sabiá, caju, manga. A cabeça do povo tá mudando muito, nesse sentido da agrofloresta, porque a gente sempre bate forte, sempre tá discutindo e vamos discutir sempre”.

Segundo Léo, tem havido uma conscientização por parte das famílias acampadas. Esse trabalho da partilha de conhecimentos é feito em diversos espaços de formação e organização, como as reuniões dos grupos de famílias e as assembleias. Mas foi, sobretudo, pelo exemplo pedagógico de Léo e Reginaldo que outras famílias foram sensibilizadas e também iniciaram suas experiências de diversificação do sistema produtivo.

O curso Pé no Chão além de ter como objetivo o aprendizado de técnicas de produção, numa perspectiva agroecológica, busca desenvolver a formação política dos/as trabalhadores (as) assentados e acampados visando ao fortalecimento do Movimento e das áreas de Reforma Agrária. Nesse sentido, Léo considera que o curso contribuiu de forma decisiva para a melhor execução das tarefas que já vinha desempenhando na organização do assentamento. Após o curso, ele deixou a coordenação do assentamento para assumir a coordenação da Brigada³⁰. De acordo como Léo, nesse trabalho: “Tem muita coisa pra resolver e você sabe, lidar com o ser humano é difícil demais, cada um tem uma cabeça diferente, ninguém pensa igual. As tarefas pra resolver via INCRA, via Prefeitura a gente resolvia, mais o cara mudar o pensamento dos trabalhador é muito difícil.

²⁹ Reginaldo José Costa, conhecido como Regis, é uma das lideranças do acampamento onde Léo e Fran moram. Ele, e sua esposa Marinês, iniciaram o processo de transição agroecológica de seu lote.

³⁰ Conjunto de Acampamentos e Assentamentos coordenados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, situados em uma ou mais regiões.

PEDRO ALTAMIR DE DEUS

O cara quer formar um grupo pra trabalhar o coletivo e é muito difícil. [...] E o curso ajudou muito nas discussões, a formar os grupos de família, que a gente aprende isso lá”. Evidenciam-se assim os aprendizados metodológicos e políticos propiciados pelo curso.

Essa partilha de conhecimentos vai para além das questões produtivas, alcançando também a dimensão organizativa, que tem ajudado a manter o acampamento como um dos mais estruturados do MST de Pernambuco. Reginaldo, um dos membros da coordenação do acampamento, comenta que as experiências trazidas por Léo geraram mudanças na comunidade, fortalecendo os processos organizativos: “Questão de conviver em comunidade, essas coisas que ensina muito. Como se organizar, né? A questão da organização dentro do acampamento”.

Para Francinete, a participação de Léo no curso modificou bastante a forma dele lidar com o trabalho comunitário e com a própria família: “Depois que Léo participou do curso Pé no Chão, ele mudou muito, a pessoa dele. [...] Ele era muito estourado. Depois que ele voltou do curso, ele voltou mais calmo. Ele aprendeu alguma coisa lá, que ele voltou muito mudado”. Este depoimento demonstra que os aprendizados não se deram apenas no âmbito produtivo ou organizativo, mas também na dimensão subjetiva, pois provocou mudanças nos valores, nas posturas e nas práticas sociais.



Pedro Altamir de Deus tem 50 anos, é faxinalense (população tradicional da região Centro-Sul do Paraná, que tem como principal característica o compartilhamento de grandes áreas de terras, manejadas em sistema agrosilvopastoril) e benzedor. Foi indicado a participar do curso pelo MASA (Movimento Aprendizes da Sabedoria). Mora com sua esposa no Faxinal Marmeleiro de Baixo, onde vivem outras 180 famílias, em Rebouças - Paraná. Possuem dois filhos, que migraram pra cidade.

Participa da AP (Articulação Puxirão) há cerca de cinco anos e mais recentemente do MASA. Atualmente integra o Conselho da Associação de Agricultores do Faxinal Marmeleiro de Baixo, a Comissão Local da AP, participa do grupo de agroecologia, em que é membro da comissão de ética e também é articulador municipal do MASA.

Seu Pedro estudou até a terceira série, tendo parado de ir à escola há mais de 36 anos. Atualmente não está estudando e consegue ler com certa dificuldade. A família é beneficiária do programa Bolsa Família do Governo Federal. Seu Pedro conta que há uns quatro anos abandonou a bebida e atualmente se dedica, como voluntário, no trabalho semanal com um grupo de Alcoólatras Anônimos. As principais atividades produtivas são a criação de pequenos animais, na área de uso comum do faxinal (porcos, galinha) e também a horta e po-

mar, em área com aproximadamente 0,6 ha, que mantém junto à sua casa. Também possui área de terra de 2,4ha, fora do faxinal. Essa área é isolada do faxinal e totalmente rodeada de monocultivos, com intenso uso de agrotóxicos, por isso arrendada para outros produtores rurais.

A produção familiar é destinada ao consumo, com venda dos excedentes, sobretudo feijão e milho. Além de não usarem agrotóxicos nas atividades produtivas, ingressaram em um grupo ecológico pouco antes de iniciar o curso. Esse grupo fazia as entregas ao PAA (Programa de Aquisição de alimentos). Pedro chegou a entregar laranjas e cheiro verde para o PAA, mas atualmente não entrega mais.

A família não possui trator, não contrata força de trabalho, não possui contrato de integração com empresas e não agroindustrializa nenhum produto. Não realizam registros contábeis das atividades produtivas e não possuem assistência técnica regular.

Em relação aos aspectos produtivos, a participação na Escolinha estimulou Pedro a realizar mudanças significativas em sua unidade de produção. Segundo Taísa³¹, antes do curso, ele estava inserido num grupo de agroecologia, mas com uma participação bastante limitada e desanimada. A participação no grupo aumentou a animação do seu Pedro e o levou a aumentar a produção, chegando a fazer temporariamente entrega de alimentos para outras famílias através do PAA. De beneficiário de programa social do Governo Federal, seu Pedro chegou a ser fornecedor de alimentos para famílias em situação de vulnerabilidade social.

Em relação à sua visão sobre agricultura e agroecologia também houve mudanças, segundo Acir³², na entrevista após o curso, destaca que “ele achava né, que

tivesse dando dinheiro né, não importasse tava contaminando o meio ambiente, ou a saúde, essas coisa né, e hoje ele tem outra visão né, mais perto da agroecologia”.

Apesar de possuir uma nova visão sobre agricultura e agroecologia, seu Pedro possui diversas dificuldades objetivas, que limitam o seu avanço na produção agroecológica. São elas: a pequena área de terra que possui; as dificuldades de acesso à água, sobretudo nos períodos de seca; os problemas de saúde de sua esposa; o menor tempo disponível para o trabalho produtivo; e também pelo fato de sofrer diretamente os efeitos do modelo do agronegócio em suas terras. Essas dificuldades limitaram o processo de transição e também de produção de alimentos para entrega no PAA, levando seu Pedro a parar de entregar alimentos para o Projeto.

Antes de participar do Grupo de Agroecologia e da Escolinha, seu Pedro tinha uma visão bastante restritiva da agroecologia e, segundo Acir, agricultor e vizinho de Pedro, ele afirmava que “não produzia, que não dava”. A participação de Pedro no curso aportou elementos teóricos que lhe permitiram perceber a agroecologia de forma diferente. As atividades produtivas e de visitas na propriedade de Acir possibilitaram que ele percebesse na prática a viabilidade da agroecologia, permitindo mudanças substantivas em suas percepções e ações. De acordo com Acir, Pedro “acreditava na conversa do agronegócio, que é colocar adubo, passar veneno, colocar ureia. É comprar semente. E hoje não, hoje ele viu que. Uma visão bem diferente né”. Depois,

³¹ Taísa Levitski, 20 anos, mora no distrito de Guará, município de Guapuva – PR. É assessora das organizações que compõem o Eixo de Trabalho dos Povos e Comunidades Tradicionais da região, especialmente do Movimento Aprendizes da Sabedoria do qual Pedro faz parte.

³² Acir Tulio, 58 anos, mora no Faxinal Marmeleiro de Baixo, município de Rebouças – PR, sendo vizinho de Pedro. É presidente da associação desse faxinal e também Articulador Regional da organização geral dos faxinalenses, denominada por Articulação Puxirão dos Povos e Comunidades Faxinalenses.

ainda diz Acir, ao longo da Escolinha, essas mudanças apareceram com mais força.

Essa mudança de percepção possibilitou alterações práticas para seu Pedro pensar e fazer agricultura. Iniciar o rompimento com um modelo de agricultura vinculado ao agronegócio e inserir-se em dinâmicas produtivas vinculadas ao modelo da Soberania Alimentar.

Outra mudança significativa no sistema produtivo é a retomada de cultivos históricos desenvolvidos pelos camponeses que foram abandonados ao longo dos anos. Pedro voltou a plantar milho, que é uma cultura fundamental para os sistemas alimentares camponeses, pela produção direta de alimentos para a família e pela produção indireta de alimentos através da produção de animais. Isso repercute diretamente na qualidade alimentar das famílias e também na renda.

Ainda no campo produtivo, outra alteração observada na prática do seu Pedro foi a relação com seu quintal produtivo e as plantas medicinais. Segundo Taísa,

“também a questão das plantas medicinais, ele tem enriquecido bastante o quintal dele, também o quintal dos vizinhos ali, trocando sempre bastantes remédios.

Quando vai pra reuniões, tanto leva mudas, como também trás”.

No questionário, após o curso, seu Pedro considera que é muito importante para o progresso da família participar de uma organização de agricultores. Ao longo de sua interação no curso considera que sua presença na organização aumentou, atualmente acredita que possui “muita participação” e pretende, no futuro, manter o nível atual de atuação. Isso reforça a ideia de que a participação no curso amplia a inserção organizativa, a ação comunitária e o protagonismo político dos indivíduos.

Taísa também destaca o aumento da qualidade da participação de Pedro e a disposição para atuar nas atividades. O curso contribuiu diretamente para isso, cabendo destacar que ocorreram mudanças profundas, relacionadas a essa maior participação. Mudanças que tem a ver com a percepção que o sujeito tem de si próprio e como isso influencia em suas práticas sociais. Como outra contribuição do curso, para Taísa

“ele está se sentindo mais sábio pra fazer alguma coisa, porque ele passou por um processo de formação e confia mais nele mesmo e nos próprios argumentos, mais na autoestima mesmo”.

No princípio de sua atuação política e comunitária, a descrença e o pessimismo eram marcas fortes nas posturas do seu Pedro, como afirma Acir: “E, ele achava assim que essas coisa não adiantava né. Então ele não, não acreditava muito né. Ele ia nas reunião mas ficava lá, meio dum lado né (...) ele era meio parádão assim sabe. Ele sempre ia nas reunião mas não, ele não, não tinha muitas assim, iniciativa, né”.

Seu Acir destaca que o curso possibilitou mudanças significativas nas convicções e nas práticas de seu Pedro em relação às atividades comunitárias e organizativas. Destacando a contribuição do curso, seu Acir afirma que “agora ele vai, conversa né, e depois que ele começou a participar do curso, ele aprendeu muito a discutir na comunidade, assim, reunião, debate nas reunião né”.

O curso possibilitou mudanças que tiraram seu Pedro de uma posição de conformismo e acomodação, inserindo-o, ativamente, nas atividades comunitárias e organizativas, despertando nele o desejo de participar e contribuir com a comunidade, além de devolver uma perspectiva de postura positiva em relação aos problemas e desafios, que é a introjeção da crença na possibi-

lidade de mudanças para melhor. A interação no curso permitiu que Pedro abandonasse a visão negativa dos processos e dinâmicas sociais, para Acir após o curso “ele era uma pessoa que ele achava que tinha coisa que não, isso aí não vai dá certo, isso aí, não tava na luta, (...) e hoje não, hoje ele, tanto que hoje ele acredita, ele desenvolveu, de fazer o trabalho dentro da comunidade, como nas outras comunidades também”.

Nesse mesmo sentido Taísa argumenta que o curso também permitiu avançar em sua compreensão sobre a dinâmica do próprio movimento, permitindo uma participação de melhor qualidade, estando mais ativo, interagindo e com posicionamentos mais qualificados. Observando as mudanças nas concepções e nas práticas de Pedro, antes e depois do curso, Acir destaca que

*“hoje o seu Pedro é outro,
é outra pessoa*

(...) hoje se for preciso fazer uma reunião, for preciso é organizar o povo, ele tá bem de frente”.

O aspecto do retorno do conhecimento pra comunidade e do envolvimento no trabalho comunitário é destacado. Nele podemos perceber a importância da participação em atividades de formação, via alguma organização coletiva, ou comunitária, que prepara o sujeito para atuar no curso e o acolhe comunitariamente após o final deste, inserindo-o em atividades práticas e dinâmicas sociais, permitindo a experimentação dos conhecimentos adquiridos, testando-os, reforçando-os, ressignificando-os, adequando-os, ou adaptando-os, segundo sua realidade e, portanto, qualificando-os.

A participação no curso permitiu que Pedro mudasse sua visão de mundo, colocando-o em uma posição de maior atividade e com mais iniciativa. Hoje, por exemplo, ele está ajudando dentro da comunidade e também fora, em outros faxinais e com outros (as) benzedores (as) realizando intensamente a partilha de conhecimentos.

No sentido dos aprendizados e avanços conseguidos de forma coletiva, que são passados para outras comunidades e organizações através da Partilha de Conhecimentos, Acir destaca que tais avanços conseguidos no Faxinal Marmeleiro de Baixo, que possui uma legislação municipal específica para os faxinais,

são levados a outros faxinais por seu Pedro. Este, além de levar essa experiência para a organização dos Benzedores, tornou-se uma importante referência. Esses avanços no campo da incidência política e na obtenção de marcos legais e políticas públicas favoráveis a determinados setores, podem beneficiar inúmeras comunidades e famílias, mesmo que essas não estejam diretamente envolvidas em alguma organização, nem atuando comunitariamente em favor de seus direitos. Isso possui efeito irradiador ilimitado e capacidade de motivação muito forte para outras comunidades e organizações.

Por possuir duplicidade em sua identidade, como faxinalense e benzedor, permite que faça um trabalho que conjuga ambos os interesses organizativos. Essa combinação potencializa mutuamente as organizações e o trabalho da partilha de conhecimentos. Como os benzedores possuem uma organização menos consolidada que os faxinalenses, sua experiência contribui e influencia positivamente o avanço organizativo dos benzedores.

Outro avanço conseguido no município de Rebouças foi o reconhecimento formal dos benzedores, pelo poder público municipal, que atestando e legitimando um processo de reconhecimento comunitário, entrega uma carteira de benzedor às pessoas que são reconhecidamente identificadas pela comunidade como portadores de algum ofício tradicional de cura.

Em relação a mudanças geradas na família, no questionário após o curso, Pedro afirma que

*“minha esposa me
entendeu mais e também
meus filhos”,*

o que demonstra que a participação no curso gera avanços de compreensão, além de sentido e importância das organizações dentro das famílias que possuem algum participante no curso. Também demonstra melhoria na capacidade de diálogo do sujeito no núcleo familiar, pois segundo as observações de Acir, em relação às questões de gênero e convívio familiar, também ocorreram mudanças nas posturas de Pedro, como a ampliação do diálogo e melhoria no convívio.

SILVIA REGINA DA CONCEIÇÃO

As questões relacionadas aos principais problemas na comunidade, no mundo e as causas deles não foram respondidas no questionário antes do curso. Também não foram respondidas as perguntas relacionadas ao cuidado com as crianças, participação das mulheres da casa em cursos, sobre importância da participação em organizações de agricultores, ao grau de sua participação e ao grau de participação de jovens. Contudo, no questionário final, todas essas questões foram respondidas, podendo demonstrar melhora na capacidade analítica e de posicionamento frente aos fenômenos.

Sobre seus planos para o futuro, após o curso Pedro declara que, “pois é, a gente pensa bastante coisa, mas não pode realiza né, qual é o sonho da gente, a gente pensa de aumentar a terra”, afirma com certa resignação. Tem como perspectiva vender a terra que arrenda, pois “é de máquina” e comprar outra área maior, “mais dobrada”. Bastante solidário, sonha em ampliar sua área de terra e poder ajudar outros agricultores que não tem acesso à terra. Como nos conta, “Pois é, esse pedaço que eu tô comprando (...), eu tô podendo compra só um pedaço né, assim se eu pudesse compra dezoito alqueires, pra mim poder ajudar os companheiro que não tem terra, daí se eu comprasse dezesseis alqueires,

o meu sonho era de favorecer quem não tinha terra, arrumar pedaço pra um, pedaço pro outro né”.



Silvia tem 34 anos e mora no Assentamento Mártires da Resistência II, localizado na regional São Francisco, em Pernambuco. Participou do curso Pé no Chão, turma Maria Paraíba, realizada em 2009 e fez parte da coordenação da 3ª turma (Zumbi dos Palmares) apoiada pela Heifer e realizada no ano de 2010.

Na escola formal, cursou até a 5ª série. Trabalhou desde a infância nas fazendas de hortaliças e frutas irrigadas, colhendo tomate, manga entre outros frutos na região de Petrolina. Segundo Silvia, foi o trabalho pesado, que fazia com que ela acordasse às 03h30min para preparar as marmitas e chegar ao local da colheita, onde permanecia até as 17h, que a levou a abandonar a escola ainda criança: “Eu trabalhava de dia e de noite eu estudava num colégio chamado Clementino, em Petrolina, eu fazia duas séries num ano só. Fazia a terceira e quarta. Mais aí foi se tornando pesado porque eu trabalhava na roça e quando chegava em casa ia pro colégio, só dava tempo de tomar banho e correr pro colégio que era um pouco distante e aí foi ficando cansado sabe? Cansativo, aí terminei desistindo da escola e me dedicando só a roça, trabalhando. Por isso eu tenho as mãos estouradas, tudo de calo”.

Em função das dificuldades da vida no campo, Silvia acabou indo para a cidade de São Paulo, tentar uma vida melhor, mas os obstáculos a fizeram regressar. Foi quando ingressou no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Como nos conta “Aí quando eu voltei de novo de São Paulo, que eu me envolvi no movimento, no MST aí sim eu comecei estudar, porque lá tinha escola itinerante dentro da área do acampamento. Aí estudava

à noite com as meninas e depois a gente passou a trocar experiências na área do acampamento e agora também a gente tem o EJA, jovens e adultos, que foi uma coisa que assim: foi lutando através do acampamento. [...] Aí no assentamento eu estudei até a oitava série”.

O Pé no Chão foi o primeiro curso de formação que Sílvia participou depois que ingressou no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, além de várias capacitações para desenvolvimento das funções de Coordenação e Articulação do Assentamento, Dirigente de Brigada, esta última atividade que realizava concomitantemente com as de coordenação do Pé no Chão.

Para Sílvia, o curso Pé no Chão modificou sua vida, visto que, além de ser uma assentada da Reforma Agrária passava a fazer também o papel de coordenadora do curso e articuladora dos vários assentamentos que fazem parte da sua regional.

“Foi através do movimento, do “Pé no Chão”, que eu me desenvolvi cada vez mais, que hoje assim, num tenho medo, num tenho vergonha de entrar na sociedade sabe? Falar, pedir, conversar, porque eu aprendi a sair, entrar e sair, né? Através dos estudos”.

Sílvia é assentada há 12 anos e mora sozinha, em sua casa, construída com o crédito Habitação, destinado às famílias que conquistam o direito de serem inseridas nos projetos de Reforma Agrária. Produz milho, feijão, fava, melancia, macaxeira, inhame, jerimum, abóbora, coentro e cebolinha, cria porcos e galinhas. Para manter a casa e a produção conta com a solidariedade dos vizinhos: “Eu

trabalho assim às vezes sozinha e quando a plantação tá muito grande aí nós troca: eu ajudo seu Bigode, mais dona Socorro, que é aquele senhor que eu lhe falei que trabalhei com ele na coordenação da brigada, e eles me ajudam. Eu dou um dia de trabalho a eles e eles me dão um dia de trabalho. Tem dona Cícera também, a gente vai trocando”.

A criação de galinhas de Sílvia foi fruto do incentivo do Pé no Chão, através de projetos (um deles apoiado pela Heifer) que distribuem uma quantidade de pintos (machos e fêmeas) a cada um/uma dos/as participantes do curso para que possam criar, reproduzir e distribuir entre as famílias dos acampamentos e/ou assentamentos e, assim, com as sementes e os conhecimentos adquiridos nas aulas práticas do Pé no Chão, melhorar a qualidade genética das aves, multiplicar a produção de galinhas, melhorar a segurança alimentar e a renda das famílias.

Para Sílvia, o curso Pé no Chão é o que propicia a base para todo o conhecimento necessário ao desenvolvimento dos acampamentos e assentamentos à medida que aborda o aspecto produtivo, mas também organizativo e político, e contribui, assim, para que os participantes e suas famílias melhorem seus sistemas produtivos visando à segurança alimentar e à autonomia econômica, buscando coletivamente avançar na conquista de direitos e no processo de transformação social.

O curso Pé no Chão tem o papel de contribuir com a formação de trabalhadores e jovens, que antes do processo de acampamento e/ou assentamento já trabalhavam como agricultores/as, mas não detinham os conhecimentos tradicionais da agricultura familiar. Como é o caso da família de Sílvia, que trabalhou como assalariada rural por muitos anos nas fazendas de tomates irrigadas, com uso intensivo de agrotóxico. Sem a posse da terra e submetidas ao assalariamento em áreas de monocultura, as famílias camponesas perdem o controle do processo de produção e, conseqüentemente, das técnicas tradicionais de conservação do solo e de produção ecológica. É nesse sentido que Sílvia explica como o Pé no Chão contribuiu para o resgate da cultura camponesa, para uma compreensão crítica do modelo tecnológico na agricultura brasileira e para desencadear o início de um processo de transição agroecológica do sistema produtivo: “É porque as pessoas quando vem pra aqui elas não tem o conhecimento de como é, plantar, entendeu? Não sabem o que é que pode usar, não sabem o que,

que não pode usar, não sabem o que é saudável, num sabe o que é que complica, que adocece muitos deles. [...] Você pega um, umas galinha dessa pra você cuidar, você vê o que elas podem tomar, o que elas não podem, quando tá com gôgo, alguma doença, aqui você aprende de tudo um pouco, com os professores que a gente tem aqui, né?

E o agrotóxico muitas pessoas usam, não sabem o que, o perigo que tá causando pra ela mesma, e aqui a gente aprende a trabalhar sem agrotóxico tudo normal, entendeu? Tudo natural”.

Sobre a conservação do solo, Silvia afirma ter aprendido a lidar com a plantação de forma simples, sem utilizar da queimada. Com isso tem aumentado a produção e sensibilizado outras/os agricultoras/es do Assentamento a fazerem o mesmo, mas para tanto, diz ser necessária muita conversa e, sobretudo, dá o exemplo, pois “só vendo eles acreditam” (referindo-se aos demais agricultores do assentamento). Assim: “aqui nas aulas tem um livro e que foi ensinado, Jeferson ensinava como fazer as coisas, a gente foi aprendendo, foi anotando. Aí quando foi um dia lá em casa, lá no assentamento, aí eu tava limpando a roça [...], a gente deixa aquele capimzinho nas carreiras e aproveita a terra pro pé do milho, pro pé do feijão, seja o que for. [...] Não jogava pro meio, jogava pra... e foi juntando, juntando, que aí ficou a terra bem arada, viu? Aí eu disse: dona Ciça, eu vou ter uma experiência nessa terra o ano que vem. Ôxe, aí foi dito e certo, viu?

Quem mais plantou e tirou milho, feijão e melancia fui eu. Aí dona Ciça disse: tu fez o que nessa terra?

Eu disse: nada, só aquilo, virava as folhas, [...], e hoje não, minha roça é boa toda”. Silvia, ao incorporar o princípio da experimentação, estimulado pelo curso Pé no Chão, como parte do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento de práticas agroecológicas no seu lote, influenciou, a partir dos resultados obtidos e de sua capacidade de diálogo, a sua vizinha a também experimentar, revelando o potencial irradiador e transformador de processos de formação inseridos em atividades organizativas, vivenciadas por Silvia no assentamento em que vive e na organização em que é vinculada.

Para o seu lote, Silvia deseja um dia poder construir uma mandala, a exemplo da que existe no Centro de Formação Paulo Freire, pois, segundo ela, com essa técnica simples de pequena irrigação “se planta de tudo”. Isso demonstra que não apenas o aprendizado teórico no curso é importante, pois as atividades produtivas vivenciadas e experimentadas no Centro de Formação servem de referência aos participantes do curso, servindo de estímulo à inovação e à qualificação das atividades produtivas dos assentados.

O curso Pé no Chão é organizado em etapas que contemplam um Tempo Comunidade (TC) e um Tempo Escola (TE). Além dos aprendizados produtivos, no curso também são abordados temas organizativos, que Silvia pôde praticar junto às famílias acampadas e assentadas. Assim, ela argumenta que os aprendizados do Pé no Chão são repassados às famílias das comunidades, depois e durante todo o curso: “A gente sai, todos saem com tarefa pros assentamentos, acampamentos, cada um sai com uma tarefa [...], fazer uma, uma, assembleia no assentamento, entendeu? Com os assentados, acampados, todos igual no coletivo e a gente passar o conhecimento da gente, o que a gente aprendeu, a gente leva muitas coisa daqui, tanto em escrito, como em cabeça. [...] E aí quando você vem na segunda etapa você já está com alguma coisa encaminhada no próprio assentamento, pro próprios assentado, acampado, que vê os conhecimentos, o que é que você aprendeu aqui, que quando você já volta pra, na segunda etapa, pro seu acampamento você já sai com alguma tarefa feita”.

Após sua participação no curso, Silvia passou a coordenar a Brigada Carábas, que era

integrada na época por seis acampamentos e dois assentamentos. Para ela, a formação no Pé no Chão foi que lhe proporcionou as condições para assumir a tarefa de coordenar um conjunto de assentamentos e acampamentos com uma diversidade grande de questões a serem enfrentadas, tanto no campo da produção, quanto no aspecto da organização social. Foi um período de muitos desafios e aprendizados para Silvia, pois ela estava se iniciando no trabalho de coordenação e organização das famílias e os aprendizados metodológicos para o trabalho comunitário adquiridos no curso foram fundamentais para o andamento das atividades. Assim nos conta: “A formar os grupos, a fazer formação de grupos e saber compartilhar, saber dividir e saber trocar, entendeu? Que eu aprendi aqui dentro, com o Pé no Chão, porque assim: através do Pé no Chão, eu aprendi como a gente deve viver”.

Durante esse processo ocorreu intensa partilha de conhecimentos produtivos e organizativos, destacando a contribuição da experiência da Heifer sobre partilha solidária (passe em cadeia) que foi apresentada durante o curso. Segundo Silvia nos conta:

“Aquela troca de experiência que a gente teve com vocês também, que vocês disseram que trocavam ovelha por outra, então assim, quem tem muita galinha pode trocar por guiné, quem tem guiné troca num porco, numa cabra, então essa troca que eu aprendi aqui eu já levei pro assentamento e muita gente faz isso, troca uma coisa por outra”.

Por outro lado, o curso representa um momento fundamental para as pessoas se redescobrirem, identificarem-se consigo mesmas e darem sentido a suas vidas. A conhecer e ressignificar sua condição de vida e de seus semelhantes. Enfrentar os medos e se organizar coletivamente para conseguir melhores condições de existência. Isso demonstra mudanças significativas na prática e nos valores de Silvia, pois, segundo nos conta, também pôde aprender no curso “[...] saber amar o próximo, saber se dá valor, e a saber lutar procurar tirar nossa militância da rua, das drogas, os jovens, se não ter medo de falar a verdade, de encarar a mídia lá fora, não ter que ter medo.

Não ter medo de abrir a boca numa rádio, não ter medo de lutar pelo que é seu, de brigar, não ter medo, antigamente eu tinha medo.”

Hoje Silvia é a coordenadora do Centro de Formação Paulo Freire, onde ocorre o tempo-escola do curso Pé no Chão. Segundo Florisvaldo, do setor de Formação do MST, quando Silvia foi selecionada para cursar o Pé no Chão, um dos critérios para a escolha foi disposição para contribuir com o Movimento: “[...] Eu já conhecia Silvia do acompanhamento (...) era uma pessoa que demonstrava que poderia crescer, aproveitar o curso e contribuir com o Movimento. O curso Pé no Chão tem esse objetivo, né? De formar as pessoas para que voltem pra’s regionais ou não, no caso dela se destacou e hoje é uma das pessoas que coordena o Curso Pé no Chão, então um dos motivos é porque demonstrou na época que poderia ta utilizando do curso como um instrumento pra melhorar a prática militante no movimento, né?”.

Sobre as mudanças que ocorreram na formação de Silvia, Florisvaldo³³ observa que houve um grande avanço na sua capacidade de liderança, na forma como foi assumindo maiores compromissos com o Movimento, assim como no entendimento sobre a Reforma Agrária em geral: “Eu acho que ela cresceu muito, em vários pontos. (...) Já consegue ser um espelho do curso e eu acredito que melhorou enquanto pessoa também. O curso Pé no Chão, por mais que as pessoas não consigam assimilar, interpretar a importância do curso, mesmo assim, jamais as pessoas sairão do curso Pé no Chão sem elevar um pouco do nível de consciência, e melhorar as suas ações, o entendimento sobre o movimento. (...) E também do ponto de vista do assimilar da conjuntura.

³³ Florisvaldo é dirigente da Brigada do MST da região de Petrolina.

As pessoas quando participam do curso Pé no Chão criam a cultura do estudo, a cultura de buscar outras alternativas do movimento”.

seu desejo futuro: “Era vê todo mundo feliz, mulherzinha, todo mundo plantando, todo mundo comendo.

Assim, formar uma cooperativa, alguma coisa, pra gente lidar com troca de alimentação. Assim, como a gente vive em área de sequeiro a gente passa muita necessidade de alimentação, aí ir trocando, ou então botar em feira pra vender, trocar em alimentação”.

Para Silvia, o que ela considera como maior mudança em sua vida foi a percepção dos fatos e das causas dos problemas sociais que ocorrem na realidade. O que lhe chama atenção, sobretudo, é a miséria, bem como a exploração dos trabalhadores pelos latifundiários, realidades que ela conheceu na própria pele, além da situação da juventude que se encontra sem perspectivas. Outro fator de mudança foi ter aumentado seu comprometimento com o trabalho coletivo tanto no nível comunitário, como no âmbito da organização da qual faz parte, numa perspectiva de transformação da realidade e da justiça social.

Para sua vida, ela deseja continuar lutando para melhorar a situação da gente que vive nos acampamentos e assentamentos. Quer continuar estudando e, se possível, fazer um curso de enfermagem, que considera um trabalho onde poderá praticar e vivenciar mais intensamente o que lhe dá maior prazer na vida, que é “ajudar as pessoas”.

Em relação ao futuro do assentamento, Silvia sonha com melhorias na qualidade de vida das famílias. Em seu relato, fica evidente a qualificação de sua capacidade de análise da realidade e de projeção de caminhos para a construção de uma condição de vida mais qualificada para ela e para o conjunto das famílias acampadas e assentadas. Segundo relata,

TARCÍZIO MAISTROVIZ



Tarcízio Maistroviz é membro de uma família Faxinalense (população tradicional da região Centro-Sul do Paraná, que tem como principal característica o compartilhamento de grandes áreas de terras, manejadas em sistema agrosilvopastoril). Tem 29 anos e mora com seus pais, a irmã de 14 anos e o irmão de 22 anos, no Faxinal Jesuíno Marcondes, município de Prudentópolis – PR. Parou de estudar há 10 anos e o curso da Escolinha é o primeiro dessa natureza em que participa.

A família possui 17 ha de terra, onde utiliza somente tração animal (junta de cavalos) para as atividades produtivas. Toda a mão de obra da família é utilizada na propriedade e eventualmente contratam força de trabalho para as atividades agrícolas. Possuem contratos de integração com uma empresa de fumo. Como parte do contrato de integração de fumo, recebem assistência técnica da empresa integradora.

Toda renda da família vem da agricultura. Os principais produtos da propriedade são o fumo, milho e feijão, manejados com o uso de agrotóxicos. Produzem ainda verduras, mandioca, abóbora e mel, manejados sem a utilização de agrotóxicos. Faz parte do sistema de produção da propriedade a criação de porcos, galinhas e vacas, além dos cavalos utilizados para tração. Milho, feijão, carne e mel são vendidos para pequenos armazéns do interior do município e o leite é entregue para uma empresa que o recolhe.

Um dos principais objetivos da Escolinha é a mudança e ampliação das concepções de mundo e das práticas agropecuárias, construindo processos de transição dos sistemas de produção e comercialização para sistemas agroecológicos. Nesse aspecto, a experiência de Tarcízio foi bastante significativa. Em relação à compreensão sobre agroecologia, antes de iniciar a Escolinha, Tarcízio considerava que agroecologia era “a substituição dos venenos químicos por produtos naturais para o controle das pragas agrícolas.” Percebe-se uma ampliação desse entendimento, pois, após o curso, Tarcízio assim define o significado de agroecologia:

“É a forma mais saudável de se trabalhar, de se viver da produção de terra”.

Outro tema que também evidencia uma ampliação na visão de Tarcízio está relacionado às consequências do uso de agrotóxicos na produção agrícola. No início do curso, quando respondeu à pergunta: “Sobre o uso de agrotóxicos ou remédios para a produção de algum dos produtos na propriedade, você acha que eles causam mal à saúde de quem for consumi-los?”, Tarcízio deu uma resposta negativa, demonstrando desconhecer as consequências da contaminação desses produtos químicos. Mas, quando respondeu à mesma pergunta ao final do curso, sua resposta foi positiva, refletindo uma visão mais ampla sobre o tema e um maior nível de responsabilidade em relação aos consumidores de seus produtos.

Essas mudanças de entendimento, de concepção e de ação, vêm provocando mudanças concretas no

sistema de produção da família, pois Tarcízio passou a valorizar a diversificação da produção, o uso de sementes crioulas e articular de forma diferente a produção de alimentos e a geração de renda, como fica evidente em seu relato após o curso: “[...] Não produz dinheiro, produz alimento, pra depois você pensar no dinheiro. [...] Na escola eu aprendi que tem que produzir, diversificar as coisa e produzir alimento”.

Em outro momento, Tarcízio reforça a convicção na diversificação do sistema de produção e aponta a intencionalidade de redução da produção de fumo como caminho para o futuro “Diversificá!!! Não dá pra sempre apostar em uma coisa. Quando você trabalha com uma propriedade diversificada você tem vários meios de sobrevivência. [...]

Começá a trabalhá com mais diversificação ainda e talvez resumir (reduzir) mais ainda o fumo...

Diversificação de animais, vários animais. É o sonho, um dia ter num quintal, ter tudo que hortaliça e planta medicinal. (...) Essa seria uma propriedade que ainda imagino eu fazer”.

Essa mudança na maneira de pensar a produção e a geração de renda é mais significativa ainda em se tratando de uma família integrada e dependente da produção de fumo. Nesses sistemas, via de regra, são utilizadas doses elevadas de agrotóxicos e toda a mão de obra é absorvida pelo grande número de atividades exigidas na produção e beneficiamento do fumo. Isso leva as famílias a deixarem de produzir a diversidade e quantidade de alimentos que produziam historicamente e passam a adquirir o alimento fora da propriedade, perdendo a tradicional diversificação e interdependência da produção vegetal e animal. Esse quadro leva à perda na qualidade da alimentação e da saúde.

Dentre as principais mudanças já percebidas na unidade de produção da família, estão a substituição de parte do fumo pelo feijão e o resgate da autonomia em relação aos insumos de produção, es-

pecialmente das sementes crioulas de milho que Tarcízio está empenhado em resgatar. Segundo ele nos conta: “[...] Nós produzimos mais feijão esse ano. Eu me empenhei mais, pra produzi mais alimentos mesmo,

porque o fumo não é alimento e o ideal da gente produzir é alimento mesmo.

[...] Agora que tô resgatando de volta a semente crioula de milho. Foi perdida a semente de milho [...], [a família] compra semente, compra insumos, adubo, ureia e veneno pra limpá, herbicidas pra controle de ervas daninha [...], vermífugo, para imunizar contra berne e carrapato, ração. [...] Tem tanto remédio caseiro que é tão melhor quanto o químico e que tá acessível, dentro do faxinal, perto da propriedade [...] o custo seria mais barato também”.

Também faz parte dessa mudança de concepção a forma de se relacionar com a natureza, expressa na negação do uso de agrotóxicos e no abandono pessoal do cultivo de fumo. Além disso, fica evidente em sua fala a incorporação do entendimento da necessidade de construir processos de transição agroecológica. Segundo Tarcízio:

“É tanto é que eu parei de plantá fumo, a visão minha mudou totalmente, hoje eu não volto a plantá fumo. (...) Vou produzir alimento,

uma propriedade bem diversificada, retirando todo veneno quase [...] a ideia é voltá a trabalhá com a agroecologia talvez 100% né. Não já, não acredito que já, porque nossas áreas já estarem todas contaminadas com agrotóxicos, mas futuramente eliminá isso”.

Estas transformações também foram vistas e percebidas por Olivi²⁴, que destaca as mudanças observadas com a participação no curso: “O Tarcízio não planta mais fumo e não quer sabe mais de plantar fumo. Então, sabe o que que ele plantô esse ano, no lugar de fumo? Dez mil pé de repolho! (...) Ele tem uma visão muito crítica hoje do plantio de fumo, a ponto dele abandoná. E ele fala abertamente assim (...) por mais que dava mais dinheiro, mas o prejuízo que ele, a consciência dele dizia, o prejuízo ambiental e pra saúde, em função do veneno. Isso é uma mudança assim enorme, é uma mudança fantástica que aconteceu no Tarcízio”.

O repasse dos conhecimentos adquiridos no curso e as mudanças, relativamente rápidas no sistema de produção familiar, têm sido estimulados e facilitados pela dinâmica de comunicação interna na família. Quando questionado sobre como são tomadas as decisões da família, Tarcízio comentou que as decisões na família são tomadas em conjunto: “Senta aí na roda de mate, e um vai dando uma ideia, o outro outra, e sabe, a gente já trabalha bem antecipado. Ano que vem, a gente vai trabalhá assim e assado, às vezes aumenta, às vezes diminui. Então, é tudo em conjunto na família. É nossa família sempre foi uma família de dialogá bastante, estrategjá e pensá as coisas juntos. Se erra, erramos todos e não um”.

As transformações vividas por Tarcízio são percebidas também no nível pessoal, como por exemplo, o da autopercepção e na definição de sua identidade social. Após o curso afirma que: “Eu me identifico um homem camponês, (...) meu habitat é o campo, é o faxinal, sou faxinalense, um camponês faxinalense”.

Ao responder a pergunta se participar do curso havia gerado alguma mudança em sua vida, Tarcízio afirmou que sim, dizendo que o ajudou a “ser mais participativo, valorizar mais onde vivo, o que é sagrado e muito importante”. Destaca ainda que os conhecimentos adquiridos foram muitos e com muitas novidades, evidenciando também uma melhora em sua autopercepção e autoestima, gerados pela valorização propiciada pelo aprendizado: “A participação na

escolinha ajudou, ajudou bastante, porque cresceu mais o conhecimento, o direito das leis que as comunidades tradicionais e até na (minha capacidade de) comunicação também. Quando você tem convicção daquilo que você fala, você fala com certeza, como o pé no chão, enfrenta o questionamento. Vem questões pra encurralá mesmo a pessoa, e hoje eu me saio muito bem. Hoje é tranquilo,

a escolinha contribuiu muito nisso, porque até então às vezes eu me intimidava

assim, diante do público, 50 a 100 pessoas... Eu aprendi isso na escolinha, dinâmicas, descontraí, voltá”.

Olivi conta que, antes da Escolinha, Tarcízio não participava nem demonstrava interesse pelas questões comunitárias, pois “ele nunca deu ouvido antes (...)”. Este desinteresse anterior de Tarcízio, pelas questões de fortalecimento da organização comunitária e pela participação em alguma organização de famílias agricultoras, também apareceu no questionário antes do curso, quando respondeu à pergunta: “Em sua opinião, para o progresso de sua família, participar de alguma organização de agricultores é:”, das cinco alternativas para livre escolha, Tarcízio escolheu a alternativa “pouco importante”. Entretanto, na resposta dada a mesma pergunta, após sua participação na Escolinha, utilizou a opção “muito importante”, demonstrando uma mudança muito grande na percepção da importância dos processos de organização comunitária, para superação dos limites e problemas de sua família.

Olivi comenta também como foi, a seu ver, o processo de aprendizado e mudança vivido por Tarcízio e destaca a importância da Escolinha nessa transformação: “O que aconteceu que da meta-de de 2009 pra cá, que ele começou com a Escolinha. Começou a participar mais, veio só ganhando e desenvolvendo e hoje eu acredito que ele está até de parabéns pelo que ele consegue. Conduzir as reuniões (...) eu acho assim que está bom o desenvolvimento dele nas comunidades”.

O amadurecimento de Tarcízio também se evidencia em sua maior capacidade de diagnóstico dos

²⁴ Olivi Soares Pedroso tem 41 anos e mora no Faxinal Marcondes, onde é vice-presidente da Associação dos moradores desse faxinal e também é liderança regional da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais.

principais problemas na propriedade. No início do curso, quando perguntado sobre “os três principais problemas que existem na propriedade onde você vive”, Tarcízio respondeu apenas “falta de terra”. Quando respondeu a mesma pergunta após o curso, sua resposta foi: “pouca terra; não tem ainda incentivo na produção e comercialização de produtos do extrativismo e venda direta de hortaliça e outros produtos que era produzido e não tinha colocação e se deixou de produzir”, agregando aspectos importantes, como as condições adequadas para a produção, o acesso à comercialização, o resgate da diversidade de produtos, em contraposição à monocultura, nesse caso do fumo, e o manejo agrosilvopastoril característico dos faxinais, que permite a obtenção de “produtos do extrativismo”. Isso evidencia uma visão mais sistêmica do tema.

Tarcízio também respondeu de forma bastante diferente, antes e depois da Escolinha, à pergunta “Em sua opinião, quais são os três principais problemas que existem na comunidade onde você vive?” Na entrevista anterior ao curso, respondeu apenas “a desunião da comunidade”. Na entrevista após o curso, ampliou significativamente sua resposta, que passou a ser: “compreensão das mulheres que é preciso estar unido; melhorá e valorizá os produtos que são produzido no mercado ou na comercialização; invasão de monoculturas”. Apesar de a resposta expressar uma visão bastante limitada, que responsabiliza a mulher por uma suposta falta de compreensão da importância da “união”, é interessante observar que aparece algum tipo de preocupação com a participação das mulheres nas diferentes instâncias da família, comunidade e organização, algo inexistente antes. Aparece também a preocupação com a comercialização dos produtos e o acesso a mercados, além da percepção da ação nefasta do avanço do agronegócio, monocultura e integração com empresas transnacionais, nesse caso, especialmente, a da cadeia do fumo.

Tarcízio, após o curso, amplia ainda mais sua resposta sobre os problemas da comunidade destacando aspectos de cunho mais subjetivo, como a perda da cultura faxinalense. Para ele: “Problema é na questão cultural que se perdeu e não tá fácil da gente fazer voltá isso. (O) pessoal parece que está com uma timidez, acha que aquele sistema de fala (faxinalense) é bem atrasado... a dança de São Gonçalo tinha, não tem mais. Os mutirões não são tão fortes como era. Desvalorizam os próprios

faxinalenses, às vezes tão com a ideia de fora, desvalorizam os seus produtos, seus animais”.

Complementando a reflexão sobre os principais problemas das comunidades, município e região, Tarcízio fala dos problemas ecológicos percebidos por ele: “Eu acho que tem problemas na questão ecológica, porque no município aqui é provavelmente tudo no químico, agrotóxico. É coisa química, incentivo grande da EMATER, da prefeitura pro lado químico, lado da monocultura”.

Nesse processo de mudanças, Tarcízio também foi assumindo um novo papel em sua comunidade, em outras comunidades faxinalenses e na Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, demonstrando segurança e estímulo crescentes nessas novas tarefas: “Me sinto tranquilo. Acho que eu gosto de trabalhá com o povo: (...) é gratificante quando você sente que o teu trabalho deu resultado e as pessoas confiam no que você faz, no que você fala. Quando ocasiona um conflito, me atinge também, eu sinto, isso me fere, o máximo me dedico pra que isso aconteça da melhor forma e que se resolva o quanto antes. Então eu fico tranquilo assim, tô muito feliz fazendo isso.

Espero avança mais, o que eu puder me doar de mim, do meu conhecimento pros faxinalenses. Eu quero fazer ao máximo!”.

Tarcízio demonstra também preocupação metodológica em seu trabalho junto às comunidades, buscando garantir o estímulo à participação, protagonismo e autodeterminação dos grupos que anima com seu trabalho. Para Olivi:

“A grande responsabilidade com que Tarcízio passou a assumir as tarefas comunitárias e como melhorou

muito sua capacidade metodológica para isso com a participação na Escolinha

(...). O desempenho, o esforço que conta muito, não adianta a pessoa saber, mas não se esforçar, correr atrás (...). O esforço dele é um esforço muito grande mesmo, tem que tirar o chapéu pelo esforço dele”.

Outra mudança em Tarcízio, apontada por Amilton³⁵, está relacionada ao desejo e à iniciativa pela busca de conhecimentos e participação política, que também está associada à participação na Escolinha. “O Tarcísio agora é o que mais participa dos encontros de formação, ultimamente ele não vinha perdendo nada (...).

Ele tem muita vontade, uma iniciativa assim forte dele de buscá mais, cada vez mais conhecimento.

(...) Não perde nada assim, tudo aquilo que tá oferecendo de formação, na linha alternativa, na defesa da vida, na defesa da luta social popular ele tá inserido”.

Este grande esforço e a dedicação mencionados por Amilton, a participação ativa e o maior compromisso de Tarcízio com a coletividade, tem ajudado no fortalecimento de algumas das organizações em outras comunidades faxinalenses da região. Para Amilton, a partir dos aprendizados obtidos na Escolinha, da orientação de lideranças comunitárias e por seu esforço e interesse pessoal o “Tarcízio tornou-se um grande líder e que está liderando hoje no movimento, onde ele está ganhando seu espaço, pra ajudá a comunidade e as outras comunidades no município no qual ele está trabalhando”.

³⁵ Amilton José da Silva, 53 anos, mora no Faxinal dos Carvalhos, município de Pinhão – PR. É membro da Coordenação Estadual e da Co-ordenação Executiva da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses.

Atualmente Tarcízio é Coordenador do Núcleo Municipal de Prudentópolis, da Articulação Puxirão, que envolve três Faxinais, englobando cerca de 200 famílias. Passou a integrar a Comissão Executiva da Articulação Puxirão e também representa as comunidades faxinalenses no Conselho Regional do Programa Territórios da Cidadania. Tarcízio representou os faxinalenses no Grupo de Trabalho criado pelo Governo do Estado do Paraná, composto por representação pública e de organizações sociais, que elaborou uma proposta de política pública para as comunidades tradicionais do Estado.

Quando solicitado a falar do seu futuro, Tarcízio deixa bem clara sua intenção de seguir com o trabalho comunitário, ao afirmar que: “(...) olhando pra frente, eu como estou ingressado no movimento, eu não penso em mim, penso na comunidade. Claro que eu tenho meus afazeres, a minha vida, mas hoje eu me dedico bastante pra melhoria da comunidade.

Imagino a comunidade trabalhando, tirando sustentabilidade de dentro do faxinal, isso é o sonho meu, mostrará pras pessoas (...) que o faxinal vai ser sustentável, que nós vamos estar trabalhando com feira, com produto artesanal, com a culinária tradicional,

que isso foi perdido. Fazer a comunidade mais unida”.

A participação de Tarcízio na Escolinha ajudou bastante na sua tomada de consciência como faxinalense. Contribuiu para sua capacidade de definição clara e segura de sua identidade como membro de uma família e de uma comunidade

VERA LÚCIA MORAES BATISTA

tradicional. Houve ampliação do entendimento de suas raízes, da história e cultura faxinalenses, gerando valorização dessa identidade e aumento da autoestima.

Apesar de Tarcízio ter ampliado e modificado sua visão sobre o controle do dinheiro dentro da esfera familiar, pois na pergunta antes do curso disse que o dinheiro era “controlado por toda a família”, ao final do curso disse que “é controlado pelo pai”, esse mesmo nível de crescimento e ampliação de visão e de ação, vivenciados em relação à identidade sócio-político-cultural de Tarcízio, infelizmente não podem ser observados em relação à conscientização e mudança de atitude sobre a necessidade de construção de equidade de gênero e de geração. Na entrevista após o curso, ele demonstra elementos que reforçam a manutenção da divisão sexual do trabalho na família, em que os homens fazem o trabalho pesado, de fora da casa, e as mulheres fazem o trabalho doméstico e “ajudam” no trabalho fora da casa. Segundo Tarcízio, “sempre foi assim, claro a mãe se envolve no serviço da lavoura, mas no mais leve, quando é mais pesado, mais bruto, mais rústico daí é só os homens que vão”. Nesse aspecto parece que a ação da Escolinha não gerou mudanças, ou problematizações. A mãe, a irmã e o irmão de Tarcízio não participaram de nenhuma atividade de formação.

Apesar disso, é possível perceber claramente em Tarcízio, uma ampliação do entendimento da importância da participação equitativa da mulher. Na entrevista após a Escolinha defende que a participação das mulheres na organização é: “Muito importante, muito, importantíssimo, as mulheres se envolverem mais, mas tá difícil ainda delas assumi a identidade mesmo e ir pro embate, elas acham que tendo alguém representando mesmo tá bom. Mas não é por aí, uma ideia a mais sempre é bem-vinda, mas tá difícil de nós envolver bem as mulheres nessa luta”.

Conforme mencionado e exemplificado anteriormente, a família é o primeiro e mais intensivo espaço onde os conhecimentos adquiridos na Escolinha foram sendo repassados e multiplicados por Tarcízio. É também onde as mudanças muitas vezes são mais difíceis de serem concretizadas. Felizmente, o passe em cadeia realizado por Tarcízio no âmbito de sua família tem gerado significativos resultados, principalmente nas mudanças no sistema de produção. Os espaços seguintes de concretização do passe em cadeia realizado por ele são a sua comunidade e comunidades faxinalenses vizinhas, onde tem atuado intensamente.



Vera Lúcia Moraes Batista tem 39 anos, é agricultora agroecologista. Vive na comunidade Padre Chagas, município de Inácio Martins – Paraná. Atualmente faz parte do grupo de agroecologia Água Viva, sendo integrante da Comissão de Ética. Mora com seu esposo Ivanor Batista e seus dois filhos, Jailson (21 anos) e Jacson (12 anos). Seu marido é diarista e sai de casa todos os dias para trabalhar em plantações de pinus de grandes empresas na região.

Utilizam uma área de terras em comum, com a família de uma de suas irmãs e também com sua mãe, que vive com outro irmão. Moram em três casas separadas e, ao todo, na forma de posse, utilizam três alqueires (7,2ha), onde criam animais (bovinos, cavalos, ovelhas, porcos, galinhas, etc.), sendo que cada família possui seus animais identificados. Não possuem títulos dessas terras e historicamente moram nesse local, onde viveram seus pais e seus avôs. Por não possuírem título da terra não podem acessar nenhum programa público de financiamento para investimento nessa área. Também não rece-

bem nenhum tipo de assistência técnica pública. O local em que vivem fica rodeado por grandes plantações de pinus.

Além dessa área comum, Vera também utiliza, para a criação animal, outros cinco alqueires (12 ha), sendo esse um terreno com muitas pedras e solo enfraquecido. Também plantam milho em uma pequena área cedida por uma de suas irmãs, que é insuficiente para a alimentação dos animais da família. Os animais são utilizados para o consumo e como reserva de recursos, pois em caso de necessidade são vendidos. Em relação ao local onde vive destaca o problema da distância até a vila mais próxima (cerca de 10 km) e as péssimas condições das estradas, que dificulta muito o acesso, sobretudo em períodos de chuva. São 24 km até chegar a uma estrada asfaltada. Além do mais, aponta que a área que tem disponível é pedregosa e muito pequena.

Os recursos da produção agrícola são controlados por Vera. Ela tem controle escrito do que é vendido. O que, em que área e como serão produzidos é decidido em conjunto na família. A venda dos produtos é feita para cooperativas e programas de governo, sobretudo o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos).

Ao lado de sua casa, Vera possui uma horta onde cultiva pequenas quantidades de diversos produtos. Esses produtos são para o consumo da família e para a venda, pois entrega para o PAA. Ela está entregando diversos produtos, como, por exemplo, mandioca, batata doce, milho verde, couve, beterraba, cenoura, vagem, tomate. Faz isso há cerca de dois anos, portanto antes de iniciar a Escolinha. O trabalho na horta é feito quase que exclusivamente por Vera, pois seu marido desenvolve alguma tarefa apenas quando não tem serviço em suas atividades fora da propriedade. Ainda assim, quando ajuda, o faz sob a coordenação de Vera, que o orienta sobre o que fazer. Não ocorre envolvimento de pessoas de fora da propriedade no trabalho produtivo.

As atividades produtivas da horta são limitadas pela insuficiência das estruturas produtivas disponíveis. Como explica Vera, a ausência de uma estufa impede a produção de determinados produtos em certas épocas do ano. A horta cumpre um papel fundamental no sistema produtivo familiar, pois produz alimento para o consumo e ven-

da, e também fornece parte dos alimentos para os animais. Destaca que apenas alguns insumos são adquiridos fora da propriedade, como alguns tipos de sementes e complementos alimentares para os animais.

A produção destinada ao comércio é transportada até a comunidade de Góis Artigas. Além da distância, outra dificuldade é o fato de não possuírem meio de transporte para levar a produção, tendo que fazê-lo “pedindo favor”, em veículo destinado ao transporte escolar, o que gera diversos inconvenientes. Lá eles são recolhidos pela prefeitura de Inácio Martins e entregues em quatro escolas, para o preparo da merenda escolar. Isso é feito semanalmente.

Os aprendizados na Escolinha geraram muitas alterações produtivas, na perspectiva da transição agroecológica. Também possibilitaram a qualificação da compreensão dos processos necessários a essa transição. Por exemplo, em relação ao uso de agrotóxicos e às mudanças geradas pelos aprendizados da Escolinha declara que está colocando em prática os conhecimentos e que eles estão permitindo mudanças em seu sistema produtivo. Assim nos diz Vera: “Eu acho que mudou um pouco,

*mudou muito até,
porque daí a gente
aprendeu como cultivar
melhor a terra e a não
usar veneno, plantar
ecologicamente.*

Tô, tô conseguindo. É, é um desafio porque com o veneno é tudo mais rápido, passa o veneno ali, já mata tudo os matos e a gente já vai plantando, e sem o veneno a gente carpe e daí com essa chuvarada toda aí o mato já cresce de novo, mais tô conseguindo”.

Seu marido permaneceu em um acampamento junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra durante dois anos, na esperança de conquistar um pedaço de terra em um assentamento. Como sofreu um acidente nesse período, acabou desistin-

do, tendo sido um período muito difícil pra família, pois ele ficou de cama, impossibilitado de trabalhar durante um ano. Nessa época, Vera estava na Escolinha e, por força dessas circunstâncias, para buscar o sustento da família, quase se mudou para a cidade: “eu sabia que eu tinha que sair pra trabalhar, mas eu nunca gostei de cidade, nós temos parente que moram lá, a gente vê a vida deles como é, todos trabalham e o dinheiro não dá pra nada, daí eu não queria ir pra cidade”. E confirma que nesse período de muitas dificuldades da família, a participação na Escolinha foi fundamental para continuar no campo. O apoio da coordenação e dos colegas foi determinante, pois

*“eu tava já me
aprontando pra ir pra
Guarapuava (cidade),
pra arrumar um
trabalho lá, mas daí na
escolinha lá, a gente
ganhou força pra não ir”.*

Essa alteração significativa em sua vida está claramente relacionada à sua participação na Escolinha. Trata-se do abandono da ideia de ir viver na cidade, e retomar o plano de investir e estruturar melhor sua propriedade, para a produção agroecológica no campo. Nessa mudança, observamos uma forte inflexão na visão de mundo e nas perspectivas de futuro, que reforçam a ideia da permanência no campo e da produção saudável de alimentos.

Sobre a participação de Vera no grupo agroecológico, Gelson³⁶ destaca que após o acidente do marido, que o impossibilitou de trabalhar por um longo período,

ocorreram mudanças fortes na dinâmica familiar, com o aumento significativo do protagonismo e da ação de Vera nas esferas públicas, nesse momento de transição nas relações familiares, os aportes da Escolinha parecem ter sido fundamentais.

Vera antes de iniciar o curso na Escolinha já integrava o Grupo de Agroecologia, tendo participado de atividades de capacitação sobre esse tema. Há quatro anos utilizava agrotóxicos para limpar o entorno na horta, nunca tendo usado agrotóxicos dentro da horta e hoje não usa mais em nenhuma atividade. A participação no grupo de agroecologia lhe permitiu iniciar as entregas ao PAA, que começaram a ser feitas no ano de 2009. Nesse grupo participaram 12 famílias, com forte presença das mulheres em sua dinamização. Foi esse grupo que indicou Vera para participar da Escolinha.

Ao final do curso, Vera considera que “participar de alguma organização é muito importante”. Do início ao final do curso considera que sua participação na organização “aumentou”, evidenciando que o curso efetivamente apoiou seu processo de maior inserção e protagonismo organizativo e comunitário. Considera que possui “muita participação” nessa organização e pretende “manter o nível atual de participação”.

Segundo Gelson, Vera teve maior participação e inserção no grupo de agroecologistas a partir da experiência e da atuação na Escolinha, pois nesse transcurso ela assumiu a Comissão de Ética do grupo, tida como uma tarefa bastante difícil, pois envolve o processo de verificação da coerência da prática das famílias com os acordos relacionados aos processos de produção agroecológica. O não cumprimento desses acordos pode gerar, no limite, a exclusão da família do grupo. Gelson destaca que uma das grandes dificuldades de Vera, para participar do grupo de agroecologia, é a distância de sua casa das demais famílias do grupo, pois como nos diz: “É uma que tem mais dificuldade pra participar, porque mora longe, as outras casas são uma mais próxima da outra e a dela é bem mais longe, mesmo assim, ela tem acompanhado todas as reuniões”.

Percebendo sua evolução no transcurso da Escolinha, o grupo de agricultores agroecologistas solicitou que Vera assumisse a coordenação geral do grupo, mas ela recusou, argumentando a dificuldade de comunicação com sua casa (não há telefone), a distância de sua residência com as demais casas

³⁶ Gelson Luís de Paula, 36 anos, agricultor ecologista, mora na comunidade Rio Grande – Irati/PR. É tesoureiro do Instituto Equipe de Educadores Populares e ex-presidente da ASSIS – Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis. Assessorou a formação do Grupo de Agroecologia em que Eva e Vera participam. Participou como educando de uma das edições anteriores da Escolinha.

das famílias do grupo, a dificuldade de ir até a cidade de Irati (não há linha de ônibus regular e a família não possui veículo) e reconheceu as dificuldades de lidar com o povo, receando ter que assumir todas as responsabilidades do grupo.

Para Gelson, depois da Escolinha, ocorreu uma melhora significativa na qualidade da participação de Vera, principalmente em relação à partilha de conhecimentos. Por isso ele destaca:

“Ela começa de participa mais, como colocar pras outras famílias a experiência que teve, o aprendizado que teve

né, a formação que teve, a importância que teve a formação pra ela também.” Isso evidencia que os aprendizados da Escolinha, relacionados à comunicação e expressão, sobretudo do uso da palavra em público, contribuíram de forma significativa para o processo de partilha de conhecimentos, pois para repassar os conhecimentos, além de aprender determinado conteúdo, é preciso qualificar as formas de como repassá-lo.

Sobre a atuação comunitária de Vera, e as mudanças que tem gerado, cabe destacar o trabalho que está sendo feito de resgate de atividades culturais tradicionais da comunidade, sobretudo as relacionadas à religiosidade, onde Vera teve participação ativa: “Teve uma mudança quanto à religiosidade, que nós resolvemos resgatar o que nós fazia antigamente. Que nem a Romaria, a gente decidiu de não deixar de fazer, todo ano nós fizemos a Romaria de São Gonçalo, dia de São João Batista e a Recomenda”. Nesse campo cultural, podemos perceber os efeitos da partilha de conhecimentos no que se refere às questões comunitárias, pois Vera participou ativamente desse processo, em que o trabalho foi feito através de visitas e conversas, de “casa em casa”, com as famílias da comunidade. E destaca: “Porque essas pessoas mais novas estão tendo vergonha de fazer essas coisas que os antigos faziam, ah isso é coisa de velhos, e daí agora nós conscientizamos as pessoas, que isso não é uma vergonha, é uma tradição, nós temos que resgatar as tradições”.

Outra dinâmica de partilha de conhecimentos é feita numa esfera mais individual, de agricultora para agricultora, em suas relações imediatas e cotidianas, no convívio comunitário, entre parentes e vizinhança. Segundo sua irmã e vizinha Rosilda³⁷: “ela também se animo mais né, participa, conta do que aprendeu lá (Escolinha)”, e segue comentando que

“ela vinha me visitar e passava tudo que ela aprendia lá”.

Também argumenta que esse repasse dos conhecimentos obtidos na Escolinha era feito em relação à vizinhança e à comunidade.

A inserção no grupo agroecológico e a participação nas entregas do PAA, para além do benefício financeiro, representaram muito para a identidade e a autoestima de Vera, permitindo que rompesse com a delimitação de seu mundo ao espaço doméstico. A participação na Escolinha permitiu que ela percebesse isso e passasse a atribuir outros significados para sua vida, reposicionando-se em relação ao seu papel doméstico, na propriedade e na comunidade, estimulando, dando suporte e fortalecimento, o que permitiu avanços na conquista do espaço público.

Além do rompimento com a vida delimitada aos espaços domésticos, outra passagem para a emancipação feminina, que é de fundamental importância, é a superação dos medos do uso da palavra em público. Sobre as dificuldades de participação e de expor suas ideias nas reuniões e nas atividades públicas, Gelson afirma que Vera teve um bom progresso, pois, após a Escolinha, “nas reuniões ela consegue, em reunião ela fala, ela participa né, contribui com as discussão... ela está bem solta, tá contribuindo bem nas reunião do setor”.

Ainda que seu relato evidencie uma visão limitada sobre o trabalho feminino e as tarefas que desenvolvia antes da participação no grupo agroecológico,

³⁷ Rosilda de Moraes Ramos, 35 anos, mora na comunidade de Padre Chagas, município de Inácio Martins – PR. É irmã de Eva e Vera Lúcia e vizinha da segunda.

gico, sobretudo quando diz que “não fazia nada”, podemos perceber claramente a importância de essa inserção grupal estar articulada à atividade de formação, como as da Escolinha, para possibilitar ao sujeito participante desses processos a percepção das mudanças em curso. No relato que se segue, podemos perceber a leitura que ela faz de si mesma e das mudanças em sua vida:

“(...) se alguém pergunta o que você faz? Pelo menos a gente tem o que falar: eu trabalho com a horta! Que quando nós não entregava, se alguém pergunta assim: o que você faz? Eu dizia, eu não faço nada, não trabalho. E isso é um trabalho, edifica a gente”.

A passagem acima reforça a importância e a necessidade da articulação entre atividades de formação, sejam produtivas ou políticas, com ações concretas de inserção em organizações sociais, para além de atividades estritamente de capacitação. Essas atividades de inserção em práticas sociais podem ser no campo produtivo, de inserção grupal, de participação pública, de representação política, de incidência, etc.

Além disso, houve contribuição da Escolinha na ampliação do estímulo para inserção e participação nos processos coletivos, pois a qualificação do processo formativo gerou maior clareza e segurança para Vera refletir sobre suas concepções e sobre seu agir. Isso incidiu diretamente e de forma positiva sobre sua autoestima. Isso fica evidente em sua fala, quando declara que participar do curso gerou mudanças em sua vida, pois “aprendi a me relacionar melhor com as pessoas”. Declara que a participação no curso gerou mudanças na vida da família. A principal mudança é

“acreditar que tudo o que queremos podemos conseguir se lutarmos”.

Uma mudança bastante significativa na vida de Vera, e que foi influenciada pela participação na Escolinha, foi a volta à sala de aula para retomar os estudos formais. Vera tinha estudado até a quarta série do primário. Em uma das idas para a etapa da Escolinha, ficou sabendo da possibilidade de estudar à noite, na vila do Góis Artigas. Em outubro de 2010, voltou à escola, tendo aulas de segunda a quinta, todas as noites, para fazer da quinta a oitava série. É uma rotina pesada, pois vai para a escola de tardinha, saindo de casa às 17h30minh. Tem aulas de noite, até as 22h. Dorme na casa de uma sobrinha, que mora na Vila, e tem que levantar às 05h15minh para pegar o transporte e retornar para sua casa, aonde chega por volta de 06h da manhã. Aí tem todo o trabalho doméstico, com os animais e com a horta. Além disso, trabalha na casa de uma tia duas manhãs por semana. Segundo sua irmã Maria Rosa, o surgimento desse desejo de estudar está claramente associado com a participação na Escolinha, pois antes Vera não falava em voltar a estudar.

Em relação ao futuro, no questionário escrito após o curso, Vera declara que se considera “satisfeita” em relação à sua condição de vida. Agora com planos bem mais audaciosos, argumenta que daqui a cinco anos pretende “Estar trabalhando na terra, ter uma agroindústria e a minha terra própria”. Essa dimensão da ousadia dos planos futuros revela também uma mudança de qualidade importante em relação às perspectivas de futuro da família. Quando pensa em seu futuro fica evidente seu vínculo com a terra e a produção de alimentos, aspirando, também por uma nova condição de vida e trabalho, em função das dificuldades que vivencia.



CONCLUSÕES

Os cursos Pé no Chão e a Escolinha objetivam desenvolver a aprendizagem de conhecimentos socialmente necessários à transformação da realidade dos sujeitos do campo, desenvolvendo nestes a capacidade crítica, analítica e de intervenção para resolução dos problemas que envolvem suas comunidades. Nesse sentido, os sujeitos dos casos estudados explicitaram em suas falas, mudanças de concepção e significados, que puderam ser comprovados em suas práticas, assim como nos depoimentos de familiares, vizinhos e companheiros de organizações.

Além de desenvolverem a capacidade de análise acerca de suas realidades e de assumirem novos compromissos com suas organizações, demonstraram mudanças qualitativas em seus métodos de trabalho, ampliaram suas visões sobre os problemas sociais e produtivos do campo e compreenderam a importância do conhecimento para a intervenção política e nos sistemas produtivos.

Destacamos a importância da combinação das dimensões produtivas e políticas nos processos de capacitação, como algo bastante positivo, pois permite potencializar as atividades mais individualizadas, vinculadas à produção de alimentos, e ao mesmo tempo, dar suporte às ações grupais, rompendo com a lógica de capacitações produtivistas, isoladas dos processos concretos de organização política. As ações práticas, tanto no campo produtivo como no campo político-organizativo, permitem aos sujeitos participantes dos processos de formação confrontar a teoria com a prática, checando sua factibilidade e coerência, produzindo novas sínteses teóricas, que combinam a teoria com sua experiência prática. Esse exercício permanente possibilita aos sujeitos aprender a aprender.

O estudo de caso nos permitiu observar que o processo de formação vivenciado pelos sujeitos dos aprendizados influenciou de diversas formas a vida objetiva e subjetiva das pessoas pesquisadas. Em todos os casos acompanhados, no aspecto subjetivo, destaca-se a consolidação de um pensamento voltado à preocupação com as formas de produção agroecológicas associado à superação do modelo hegemônico de desenvolvimento de agricultura e à necessidade da organização coletiva para o alcance desses objetivos.

Entre as mudanças objetivas encontramos a implementação de processos de transição agroecológica

nos sistemas produtivos. Com maior ou menor nível de efetivação, as mudanças influenciadas pelos processos de formação e pelo envolvimento na organização social são claramente perceptíveis. Isso ocorreu desde a diminuição progressiva do uso de agrotóxicos, à diversificação no plantio e na criação, à conservação do solo, à produção prioritária para garantir a segurança e soberania alimentar das famílias, até o processo de comercialização.

O aumento da eficiência produtiva e econômica, a autonomia, a sustentabilidade crescente do agroecossistema e a segurança e soberania alimentar das famílias surgem como resultados decorrentes das experiências concretas de qualificação das atividades produtivas nos agroecossistemas, que começaram a ser desenvolvidas e/ou foram intensificados pelos (as) educandos (as) a partir da participação nos cursos.

Ao desenvolverem ou adaptarem seus sistemas produtivos em bases sustentáveis, os protagonistas dessas experiências, mulheres e homens camponeses, ressignificam seu papel como produtor e abastecedor de alimentos em quantidade e qualidade, criam ou revitalizam circuitos curtos de comercialização, rearticulam os meios e modos de vida locais, fortalecendo suas identidades camponesas. Dessa forma, mesmo num contexto de avanço do agronegócio no Brasil, enfrentando os desafios e limites impostos pelo modelo de desenvolvimento hegemônico, essas experiências se desenvolvem e se irradiam localmente e nacionalmente, contribuindo assim, com todas as suas contradições, para promover a segurança e soberania alimentar e a sustentabilidade ambiental e justiça social em nível local e nacional.

A participação nos cursos de formação proporcionou, em todos os casos estudados, a defesa do resgate e da valorização da agricultura familiar, enquanto atividade produtiva promotora da autonomia e da soberania alimentar das comunidades camponesas, mas, também, como reconhecimento do campo enquanto lugar de produção de valores e de uma cultura própria.

Constatamos que a participação nos cursos contribui significativamente para a incorporação e/ou fortalecimento do espírito da partilha solidária nas concepções e práticas de todos os (as) educandos (as). Ele está presente e incorporado como um compromisso, de pessoas que aprenderam e

possuem agora a responsabilidade de passar para outros seus conhecimentos e experiências.

A cultura camponesa se reproduz e se transforma com base na experiência concreta dos sujeitos e a incorporação de novos aprendizados e práticas é fortemente influenciada pela possibilidade de visualização do novo. Considerando isso, e com base nos casos estudados, observamos que uma das formas mais importantes de partilha de conhecimentos e geração de mudanças nos processos familiares e comunitários camponeses foi o próprio exemplo dos (as) educandos (as) participantes do curso, através de suas práticas sociais e produtivas. As mudanças efetivadas por estes (as) em suas concepções e ações possuem grande poder multiplicador e ampla capacidade irradiadora através desse “exemplo concreto”.

Os efeitos do compartilhar conhecimentos e experiências atingem diversos níveis, a começar pelo nível interno da própria família do (a) educando (a), passando pelas famílias com quem estabelece um convívio mais intenso e próximo (vizinhos e parentes), atingindo níveis grupais locais em que está inserido (a comunidade, assentamento, faxinal, grupos religiosos, de produção, etc.) e pode seguir alcançando níveis crescentes (outras comunidades camponesas, o município, o estado e assim por diante), à medida que os sujeitos sociais fortalecem sua inserção e seus vínculos com redes organizativas.

Ao que observamos, esse movimento irradiador crescente é viabilizado pela organização na forma de movimento social da qual os sujeitos fazem parte. Esse pertencimento parece ser fundamental para potencializar a ampliação dos efeitos da partilha solidária dos conhecimentos. Com a mediação da organização, o alcance da partilha solidária tende a chegar a outras comunidades, outros municípios e assim por diante, em função da capilaridade e organicidade desses movimentos sociais.

Observamos que, nesses diferentes níveis de alcance, várias dimensões da vida camponesa são alteradas como consequência do compartilhar de conhecimentos. Essas dimensões variam em cada caso, podendo envolver aspectos produtivos, ambientais, organizativos, afetivos, de identidade, gênero, de segurança alimentar, geração

de renda, de incidência, direitos, independência, de autoestima, etc.

Na perspectiva de construção das identidades que se processa pelo reconhecimento do lugar que os sujeitos ocupam na produção e na organização social, cultural e política, percebe-se, por meio da fala dos (as) entrevistados (as) um enorme avanço na consciência dos indivíduos e uma categórica expressão de sentimento de pertencimento. Constatou-se, em todos os casos estudados, um significativo aumento no nível de comprometimento das pessoas com o trabalho coletivo, seja no âmbito da comunidade, seja no âmbito da organização da qual faz parte. Isso possibilitou que a ação desses sujeitos e o efeito da partilha solidária de conhecimentos beneficiassem um conjunto muito mais amplo de pessoas e comunidades.

Os avanços no campo da incidência política e na obtenção de marcos legais e políticas públicas favoráveis a determinados setores são potencializados em função da ampliação da consciência política dos indivíduos sobre seus direitos, mas, sobretudo, pelo fortalecimento das organizações comunitárias e das ações coletivas que a partir daí são desencadeadas. Os avanços legais obtidos podem beneficiar inúmeras comunidades e famílias, mesmo que essas não estejam diretamente envolvidas em alguma organização, nem atuando comunitariamente em favor de seus direitos.

A compreensão da importância do conhecimento e da necessidade do estudo foi identificada em todos os casos observados. Porém, nesse aspecto merece destaque o caso de Vera, Eva e Silvia, que voltaram a frequentar a escola formal, retomando os estudos que tinham deixado há muitos anos. A pesquisa de campo demonstrou que essa decisão está claramente associada à participação nos cursos estudados.

Com relação às questões de gênero, o avanço promovido pelos cursos pode ser observado na valorização, visibilidade e fortalecimento das mulheres nos processos produtivos agroecológicos e no campo da inserção e participação política na esfera local e nas organizações nas quais participam. Por outro lado, observamos que os cursos não apresentam elementos e questionamentos sobre as desigualdades históricas e sociais entre homens e mulheres. Esse é, talvez, um dos maiores limi-

tes nos processos de formação para agricultoras e agricultores, embora a preocupação com a participação equitativa entre homens e mulheres represente um passo importante no enfrentamento às questões de gênero. Observamos, também, que os cursos nem sempre conseguem criar as condições objetivas para facilitar a participação das mulheres, especialmente aquelas que têm filho/a em estágio de amamentação, ou que necessitam de maior atenção.

Os cursos estudados contribuíram significativamente para a geração de alterações substantivas na autopercepção dos sujeitos e no entendimento das dinâmicas sociais, contribuindo para a ressignificação da realidade e a mudança de valores e práticas. O processo vivenciado por Silvia foi fortemente potencializado pela participação no curso Pé no Chão, tendo passado pela afirmação de sua identidade de Sem Terra, o encontro e a grupalização com seus semelhantes, a descoberta de que sua situação de violação de direitos é coletiva e não uma sina individual, a indignação gerada pelo estudo das causas históricas e estruturais que geram essa situação, a opção por não mais se resignar e nem temer, mas, sim, organizar-se na forma de movimento social e reivindicar seus direitos individuais e coletivos, é um exemplo típico e um dos resultados mais recorrentes e importantes desses processos de formação. Ao assumirem a identidade de Sem Terra, ou benzedor, faxinalense, agroecologista, etc. esses indivíduos estão reivindicando o direito à cidadania, ao respeito a suas formas históricas de viver, trabalhar e se relacionar com a natureza.

Ao que foi observado no estudo de campo, as atividades de formação cumprem um papel fundamental como catalisadoras desses processos, contribuindo de forma significativa para impulsionar o trabalho organizativo dos movimentos sociais, a defesa dos direitos dos camponeses e a obtenção da qualificação das condições de produção e de vida.

Todavia, cabe destacar que elas cumprem essa função catalisadora, mas por si só não garantem a continuidade das mudanças que impulsionam. Ao que notamos, o trabalho das organizações sociais, para além da promoção de atividades de formação, junto aos indivíduos, às famílias e às comunidades, principalmente no que se refere ao local de vida,

é fundamental para dar continuidade a essas mudanças. Ou seja, o êxito das atividades de formação parece estar fortemente associado à articulação que deve ser realizada entre as atividades de capacitação e as demais atividades desenvolvidas pelas organizações dos agricultores, sendo recomendado que sejam realizadas de forma combinada e articulada. Com isso, os resultados de ambas se consolidam e se potencializam, seja no campo do aprimoramento dos sistemas de produção, da defesa dos direitos dos agricultores, ou da mudança de valores e práticas, confluindo todas, nos casos estudados, para mudanças na perspectiva da soberania alimentar.

ANEXO

PERFIL DOS DEMAIS ENTREVISTADOS

(QUE NÃO SÃO CITADOS NO TEXTO)



Albeniza Rosa da Silva,

conhecida como Brena, 29 anos, moradora do Assentamento Irmã Dorothy, dirigente da Brigada de Caruaru, responsável pela indicação e acompanhamento de 03 educandas.

Claudete Dupesaqui Daniel,

51 anos, mora na comunidade de Góis Artigas, município de Inácio Martins – PR, agricultora ecologista. Há dois anos participa do Grupo de agricultores agroecologistas da comunidade e vive há cerca de 3 km da casa de Eva.

Denaide Clenis de Sousa,

32 anos, nasceu em Petrolândia, mas mora em Pesqueira, onde atua como dirigente de brigada. Foi uma das responsáveis pela indicação e acompanhamento de 25 educandas.

Gercina,

agricultora assentada, moradora do Assentamento Chico Mendes II.

Gleison Isidoro da Silva,

32 anos, dirigente estadual do MST-PE – regional Agreste, membro do Setor de Comunicação e Cultura e educador do Curso Pé no Chão.

Ivoneide Ferreira Gomes

tem 16 anos e mora com os pais no acampamento Papuã, município de Guarapuava – PR.

Jaime Amorim,

secretário executivo do MST PE e membro da Coordenação Pedagógica do Curso Pé no Chão.

José Aglaício da Silva,

dirigente estadual do MST - regional Metropolitana, responsável pelo acompanhamento de 03 educandos participantes da 18ª turma do Curso Pé no Chão; turma esta que fez parte da amostra do estudo de caso.

Maria José da Silva,

conhecida como Zezinha, 25 anos, dirigente estadual da regional de Araripe. Foi membro do Setor de Formação e também do Setor de Gênero. Fez parte da Coordenação Pedagógica de 04 turmas do Curso Pé no Chão. Como dirigente, indicou e acompanhou 04 educandas participantes da 18ª turma do Curso, turma esta que fez parte da amostra do estudo de caso.

Roberto Martins de Souza,

Engenheiro Florestal, mestre em Desenvolvimento Rural e doutor em Sociologia. É assessor das organizações de agricultores da região e foi educador na EFEP.

Suzamara Weber,

23 anos, mora na comunidade de São Jerônimo, município de Turvo – PR. É agricultora ecologista, foi da direção do IEEP e é da coordenação da Articulação Regional da Agroecologia.

REALIZAÇÃO:



EM CONJUNTO COM:



REALIZAÇÃO:



EM CONJUNTO COM:

